

PQ
9261
P31569
A72
1876
c.1
ROBARTS

AGOSTINHEIDA

POEMA HEROI-COMICO

EM 9 CANTOS

POR

UNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ

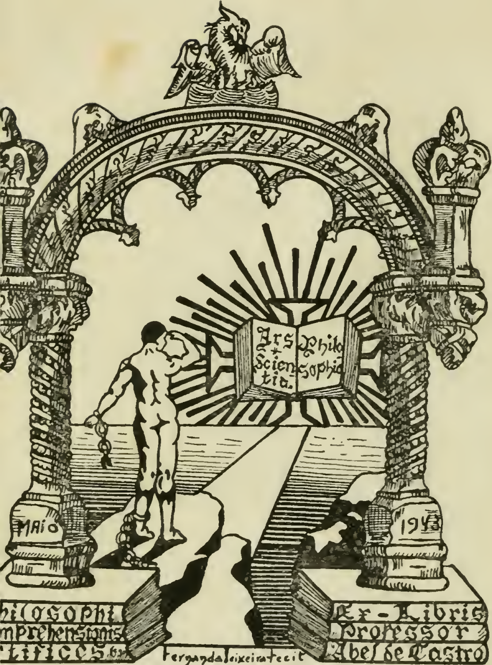
NOVA EDIÇÃO



BARCELLOS
TYP. DA AURORA DO CAVADO
1876



POEMAS HEROI-COMICOS


Ars + Scientia.
Philosophia
MAIO
Ex-Libris
Professor
Abel de Castro
Fernando Teixeira fecit

263

AGOSTINHEIDA

AGOSTINHEIDA

POEMA HEROE-COMICO

EM 9 CANTOS

BARCELLOS

TYPOGRAPHIA DA AURORA DO CAVADO

1876.

PQ
9261
A624 A7
1876



Aviso do editor

Dando á estampa em 3.ª edicção correcta a AGOSTINHEIDA de Pato Moniz, sahida em 1.ª edicção em Londres no anno de 1817, sem nome do auctor (1) e em 2.ª edicção muito inferior á 1.ª e publicada, segundo o lêmos no auctorisado Diccionario Bibliographico, em Lisboa, no anno de 1834, outra cousa não levamos em vista do que tornar mais conhecido, do que o é, um dos nossos melhores poemas heroi-comicos (2) e bem assim cha-

---

(1) Foi a que nos serviu de texto,

(2) Se não pela invenção, «e acção dramatica e variedade dos caracteres, pela versificação e poesia do estylo» como bem o disse Costa e Silva, em estudo sobre Pato Moniz.

mar a attenção sobre seu auctor, um dos mais fecundos engenhos portuguezes (3) do começo d'este seculo, distincto como poeta e como critico e votado hoje quasi ao olvido, sem rasão para isso, como muito bem o pondera o sr. Innocencio Francisco da Silva, no seu já citado Diccionario Bibliographico, (4) d'onde tomamos, que melhor subsidio não podêmos obter,—pelo pouco que ha escripto a tal respeito—a succinta noticia que da vida do auctor da AGOSTINHEIDA *damos em seguida.*

---

(3) Fallando de si proprio disse Pato Moniz, e com rasão, em face da longa lista de suas obras, ineditas na maior parte, de que dá resenha o Diccionario Bibliographico:—Desde os primeiros annos dado á poesia . . . . tenho recorrido a penna sobre o papel por maneira que, se eu fosse tão feliz engenho e tão letrado quanto hei sido copioso escriptor, seria um dos primeiros poetas portugueses.

(4) «Fallo do nosso poeta e critico Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, hoje menos conhecido do que o devera ser, se tivessem vindo a lume as numerosas obras que deixou em quasi todos os generos, e entre ellas um breve mas judicioso critico ácerca do merito dos mais notaveis poetas do seu tempo»

NOTICIA DA VIDA

DE

PATO MONIZ

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, poeta e litterato distincto, foi natural de Lisboa e nasceu no sitio do Arco do Cego a 18 de Setembro de 1781. Seu pae, Manuel Moniz Pereira Pato Guerreiro Velho de Moraes Perdigão, fidalgo da Casa Real, era capitão-mór de ordenanças das nove villas do Ribatejo do sul, e foi juiz de fóra nas de AldeaGallega e Torres-Novas. Instruido no curso de humanidades, que frequentara com aproveitamento nas aulas publicas do extincto mosteiro de S. Vicente de Fóra, e iniciado no culto das musas por Bocage, a quem tomára de principio por guia e modello, Moniz mais disposto a tractar letras, que a entregar-se aos cuidados da vida material, e ás obriga-

ções domesticas, separou-se da mulher com quem, mau grado seu, o haviam ligado conveniencias e interesses de familia. Vendidos ou alienados do modo que lhe foi possivel os bens de um vinculo, em cuja administração succedera por morte de seu pae, viveu durante alguns annos como que exclusivamente dos fructos da sua penna, já compondo dramas e elogios para o theatro, já redigindo jornaes politicos e litterarios, etc. Emulo e inimigo irrreconciliavel de José Agostinho de Macedo desde 1805, ou talvez mais cedo, foi o seu mais temivel adversario, combatendo-se e injuriando-se um a outro reciprocamente perto de vinte annos continuos, em folhetos e papeis impressos e manuscriptos, onde a critica litteraria degenerava não poucas vezes em satyra pessoal. Pede porém a verdade que se diga, que n'esta parte as provocações partiam quasi sempre de Macedo. Quando appareceu a *Agostinheida* em 1817, já os *Burros* corriam desde alguns annos pelas mãos de todos; e á composição do *Anti-Sebastianista* precedeu a da comedia *O Sebastianista desenganado á sua custa*, representada em 1811 nos theatros publicos!

Sobrevindo a revolução de 1820, Moniz

que desde longo tempo professava os principios por ella inaugurados, votou-se com ardor a sustental-a, e o seu *Portuguez Constitucional* foi a primeira folha politica que appareceu em Lisboa, ainda em Setembro d'esse anno, continuando-a diariamente por mais de dous annos, com interrumpção apenas de alguns mezes em que esteve empregado como redactor do *Diario das Cortes*.

Eleito deputado ás Côrtes ordinarias de 1822—1823 pelo circulo de Setubal, tornou-se notavel n'este congresso pelo modo como advogou alguns projectos, entre elles o da abolição da Intendencia geral da policia, effectivamente decretada, e mais ainda pela parte activa que tomára nas mui debatidas discussões suscitadas pela questão do juramento da rainha D. Carlota. Estas causas de si bastantes para malquistal-o nos animos dos partidarios do regimen absoluto foram talvez aggravadas pela preponderancia que lhe suppunham na Maçonaria, como Secretario que era do Grande Oriente Lusitano. O facto é, que logo depois da jornada de Villa-franca foi mandado sahir de Lisboa para o sul do Tejo (vej. o supplemento ao n.º 162 da *Gazeta* de 11 de Julho de 1823); e d'ahi a pouco degradado para a ilha do Fo-

go, uma das de Cabo-verde, onde os desgostos e a insalubridade do clime lhe abreviaram os dias de uma existencia já valetudinaria. Morreu, segundo dizem, em 1827.

José Maria da Costa e Silva em uma nota (pag. 326 do tomo I das suas *Poesias*, impressas em 1843) diz, e o repete em mais alguma parte, que Moniz «expirára na ilha do Fogo no mesmo dia em que partia de S. Thomé uma sumaca, em que o governador o mandava buscar para o trazer comsigo para Lisboa.» São tão repetidos e frequentes os descuidos e lapsos d'este escriptor, ou porque a memoria o não servisse a ponto, ou porque confiasse demasiado em alheias informações, que é mister duvidar sempre dos factos por elle narrados, quando lhes falte o testemunho de abonador mais seguro. No caso sujeito, não sei que conceito de verdade possa dar-se áquella romantica e singular coincidencia, sendo, como é, certo que desde 1824 em que tomou posse do governo da ilha de S. Thomé João Maria Xavier de Brito, até ser este rendido em 1830 pelo successor Joaquim Bento da Fonseca, não houve ensejo para a vinda a Lisboa de algum governador da referida ilha.

Na opinião do mesmo Costa e Silva, que

nem todos julgarão totalmente exempta de parcialidade, attentas as relações de amisade e convivencia que ligavam os dous poetas: «Pato Moniz deve ser considerado como um dos mais correctos escriptores da nossa litteratura moderna. Sabia perfeitamente a lingua que estudára affincadamente nos classicos, e com especialidade em João de Barros, de quem foi admirador enthusiasta. Confessamos porém que o seu desmasiado escrupulo grammatical prejudica ás vezes a sua versificaçao, porque mui a miudo para não supprimir um artigo, ou uma conjuncção, diz em dous versos ou em verso e meio o que podia dizer em um mais energico e mais conciso. Nao deixa porém de ser em geral apurado e harmonioso versificador, e n'esta parte digno discipulo de Bocage, cuja eschola como poeta lyrico deixara depois, para seguir a de Francisco Manuel.

«O seu estylo poetico tem muita similhança com o de Lamartine, não obstante estarmos certos de que nunca leu obra alguma d'aquelle poeta francez. Como elle prefere dizer as cousas ao pintal-as, e descae ás vezes em uma metaphysica pouco intelligivel. Tambem quizeramos que, como elle

não amontoasse tanto os epithetos no fim dos versos, o que de ordinario os torna um tanto languidos.

«Moniz era um poeta de mais gosto que genio; mas de um talento mui fecundo. Escrevia com admiravel facilidade, e tentou quasi todos os generos de poesia; e se em alguns não foi sobresaliente, em nenhum é despiciendo. Porém a poesia lyrica parece ser aquella para que tinha mais decidida vocação; é n'ella que mostrando-se digno discipulo de Francisco Manuel e de Horacio, mereceu um logar entre os nossos poetas de primeira ordem. As suas lyras teem toda a chistosa sensibilidade e abandono de Gonzaga, com mais escolha na linguagem, e mais apuro na versificação. Nas odes pindaricas seguiu o trilho de Antonio Diniz, escrevendo-as em estrophes rythmadas; mas é mais variado nas ideas, mais atrevido nos seus vôos, menos trivial nas rimas, e mais melodioso no verso. Na anacreontica junta como o poeta de Teos a philosophia com a graça, a paixão com o enthusiasmo, e a facilidade com a correcção. As suas odes horacianas são as mais perfeitas das suas composições: enthusiasmo, sublimidade, e novidade de pensamentos; desor-

dem artificiosa ; digressões variadas e repetidas; sentenças profundas, espirito patriotico e de liberdade ; eloquencia pura e imaginosa ; comparações brilhantes ; metaphoras atrevidas ; combinações harmoniosas de diversos metros; um tom verdadeiramente lyrico ; eis aqui os dotes com que Moniz atavia as suas odes, ou cante os heroes da patria, ou a formusura das damas ou derrame as instrucções da moral, ou invective os vicios do seculo, ou maldiga a tyrania, ou cubra de flores os altares da amisade, ou prantêe sobre as cinzas d'aquelles que lhe foram caros, ou finalmente renda homenagem de louvores aos paes da nossa poesia, que nos poliram a lingua e immortalisaram as nossas couzas.»

Assim como deve guardar-se, para exemplo, a memoria dos homens extraordinarios por suas virtudes, deve tambem perpetuar-se, para horror, a lembrança dos homens extraordinarimente criminosos. *José Agostinho de Macedo*, sobre ser um perverso, reconhecido por tal, é um tenacissimo folheador de livros, e rabiscador de papel, sem sufficiente base de sãos principios, e sem aquelle juizo discernidor, que immediatamente attinge o mau, o bom, e o melhor: nota-se por isso em todos os seus escriptos, a incorrecção, impureza, e impropriedade de estylo; a deslocação, e confusão de ideas; e a superficialidade do saber, por materias tocadas de revéz, ou apenas tocadas, quando deveria profundal-as; como por citações falsas, amiudados e mal cirzidos plagiatos, erros palmares, &. &. Em summa os seus escriptos recommendão o desprezo de seu auctor, e o seu orgulho é ainda maior do que a sua charlataneria!

Ora tudo isto o fazia acrédor de uma desdenhosa indifferença, e bem era o que eu lhe dava: mas, depois de ver *J. A. de Macedo* (especialmente no *Motim Litterario*, ou *Solilóquios*) abocanhar todos os grandes homens com todo o fel do cynismo, e da ignorancia presumpçosa, vendo publico um seu Poema recheado de todos os defeitos que podião esperar-se de tal escriptor, e sobre o assumpto tratado pelo divino Camões, que pertende desacreditar; quem seria tão insensivel que visse com indifferença o maligno poetastro altamente apadrinhado!... Era bem natural que este escandalo produzisse a indignação, e eis o que deu origem á composição do presente poema: porém, desaffogado o primeiro impeto, guardei por muito tempo o manuscripto; larguei-o finalmente a rogos, e copiaram-mo: recolhi-o por isso, e fechei-o: senão quando provoca-me de novo a pertinaz insolencia de *J. A.* que reimprimiu o seu *poema Gama* debaixo do titulo de *Oriente*, com um discurso preliminar, que é outra virulenta catilinaria contra Camões! Torno pois á abrir a minha gaveta; e deixo que, com algumas innovações, se lêa outra vez o meu poema, cujo heroe arrevezado é *J. A. de Macedo*,

e cuja acção é a publicação do seu *poema Gama*: ponha-se o ferrête no réo, já que é incorrigivel, e não se diga estarem os costumes, e a Literatura Portugueza em tal decadencia, e depravamento, que é J. A. bem querido, e acreditado por seu Coripheo.

Quanto ao que de sua vida (por voz da fama) relato no corpo do poema, uma vez por todas fique dito, que (exceptuando os adornos poéticos, faceis de conhecer) é tudo verdade, e ainda não digo tudo: talvez deveria ajuntar-lhe mais copiosas notas, porém ellas são sempre fastidosas para quem as escreve, e é de recear que o sejão para quem as lê; contentei-me por isso com as que julguei de absoluta necessidade, &.

AGOSTINHEIDA

CANTO I

Eu, que, nos sons de Clio, ou nos de Eutérpe,
Ou já nos de Melpómene, cantava
Prazeres, e paixões, virtudes, e gloria;
Agora, zombeteiro flauteando,
Canto o *Camões da rua da Bombarda* 1
Que, d'epico furor doudo varrido,
Pôz do velho Camões a calva á móstra, 2
Expondo aos mares novamente o Gama.
D'este furor as cauzas me revéla
Ó Desa, ó Nynfa, ó Musa galhofeira;
Ábre-me os cofres teus, e entorna a frôxo
Aureas facécias que com mão profusa
Soltaste outr'ora no Lutrin, no Hyssópe.
Vós que folgais de ouvir bem celebrados

---

1 Sitio aonde móra *José Agostinho de Macedo.*
2 É a propria phrase de que usa *J. A.* em seus *Soliloquios,* ou, melhor disseramos, *Stultiloquios.*

Em fúlgida dicção heróes sublimes,
Ou acoçados com feliz sarcasmo,
Os avessos heroes, vaidosos nescios;
A meus versos prestai attento ouvido,
E lédos ouvireis donosas prendas
Do heroe Caturra que em folgasã poesia
Farei credor d'eterna surriada.
Era no tempo quando em obra accésas
As turmas Bacchanaes se lisongeão
Com a nudêz das cêpas, e rangia
A perra vara do lagar cheiroso;
Entrava em Libra o Sol, correndo o anno
Dezoito vezes cento, e ja mais onze:
Então (segundo crê o Vulgo errado)
Tristissimo preságio de ruinas
Um hórrido cometa fulgurante,
A lusa atmosphéra incendiando
Pelos ceos estendeu disforme cauda;
E então (conforme os Doutos tem julgado)
Inéptissima cáfila de asneiras,
Mais horrido cometa, o *livro Gama*,
O Parnasso, e Lisboa enfastiando,
Foi nas mãos do Corcunda exposto á venda:3

3 E' verdade sabida o haver pelo mesmo tempo apparecido o cometa natural, e o *Cometa metrico*, ou *poema Gama* de *J. A. de Macedo*, cujo Editor foi Desidério Marques Leão, homunculo corcunda, com loja de livros no largo do Calhariz.

O Gama, indigestissimo poema
Que indignação, e riso a um tempo excita;
Pois tres R R R. levou do Pai das Musas,
E tem tres A A A. de um Sabichão, de um Lente!
Assim, na mesma tarde, um estudante,
Por não encarrilhar com som cantante
O nescio ram-me-ram da párvoa eschola,
Depois de ser com bôlos derreado,
Se fino adulador lhe busca as baldas,
Apanha alguns perdões do chôcho Mestre;
Ou tal, da picaria flagellado
Um potro rebellão, inda escorrendo
Té-baixo aos corvilhões em branca espuma,
É na cavalhariça regalado
Pelo moço boçal, que o arraçôa
Afflagando-o com a mão na taboa, e testa.
Mas, vendo ferozmente atassalhado
Por nescio *Zoilo* o Lusitano Homero,
A razão, e o bom gosto (estimulados
De que ao cynismo a prepotencia unida
Lhes tolhesse justissima vingança)
Chamando em seu auxilio a Liberdade,
Todos tres de mão dada se travaram
Das alvas plumas immortaes da Fama,
E todos juntos a uma voz clamaram:
«Tu que com azas cento o espaço abranges,
«Com cem ouvidos quanto passa escutas,
«E por cem olhos vês, cem boccas fallas,
«(Sem que nunca o cansaço te quebrante

«Sem que nunca a molleza te domine,
«Nem languido Morpheo teus membros toque) 4
«Dize, ó Diva, com que arte escandalosa
«*O Zoilo de Camões* tem conseguido
«Morder, e enxovalhar no prélo o mundo,
«Sem que lhe possa alguem mostrar no prélo
«Suas inepcias, e a ignorancia sua:
«Dize quem é por indole, e linguagem
«Aquelle que escreveu os Solilóquios; 5
«E deitou a perder de Horacio as odes; 6
«Aquelle escrevedor *Petrus in cunctis*
«Que de Zaida a tragica salsada 7
«Alinhavou, e a comica *Clotilde*; 8

4 ....Cui quot sunt corpore plumæ
Tot vigiles oculi subter................
Tot linguæ, totidem ora sonant, tot surrigit aures,
......Nec dulci declinat lumina somno *Virg. En. L.* 4.

5 *Solilóquios*; ou *Motim Literario*, apontoado de malédicos destemperos, em que Voltaire é tratado por charlatão de Ferney; e assim muitos outros homens reconhecidamente illustres por seu saber

6 Deitou-as a perder em uma pessima traducção com uma prefação insolentissima; porém tal corrimáça lhe deram que tirou da imprensa o 2. tomo das Epistolas, e Satyras: esta traducção foi a primeira obra com que J. A. aspirou á celebridade, e a geral desapprovação lhe provocou a raiva que tem babado em uma alluvião de folhetos ineptos

7 A tragedia *Zaida* fez-se especialmente notavel por uma longuissima, e renhidissima scena entre um Magico e um Spectro: J. A. que provavelmente se arripiou com a scena excellente da Semiramis de Vol-

«Aquelle...em fim, *Elmiro, o auctor do Gama*:
«Dize, quando, e por que, e o modo como,
«Que genio mau, das Musas inimigo,
«Ou que fúria o tentou com tal poema;
«Quem lhe deu tanto orgulho, e quem lh'o affaga;
«Porque tem cabimento este homem monstro
«Que troveja improperios, e invectivas,
«E, havendo inçado a Capital de crimes,
«Capital protecçao se lhe faculta.»
Aqui a Deosa, mãi das novidades,
Como quem do que ouviu se descontenta,
As infladas bochechas assoprando,
Dá um surdo gemido, e assim responde:
«Ó copia augusta, por quem mais me aprazo
«De empregar amplamente as vozes minhas,
«Neste século infausto, e sanguinoso,
«Tão negramente de prodigios fertil,

---

taire, quando surge a Sombra de Nino, presumio imital-a; porém, como absolutamente carece daquelle gosto delicado que requerem as boas artes, e com especialidade a poesia, sem conhecer que a rapidez da apparição, e do ameaço contribuiu admiravelmente para o bom effeito d'esta scena, metteo em discussão o Magico com o Spectro, e com tanta impertinencia que todos se riram da tragédia, e ainda mais de seu auctor

8 *Clotilde* foi uma comedia cujo assumpto J. A. extrahiu dos Fastos de Aragão; e que recheou de muitos, e indignissimos *Soliloquios*, quebrando todas as regras do decôro, e da verisimilhança.

«As minhas boccas cento apenas podem
«Narrar os feitos que convem sabidos;
«E contar largamente os criminosos
«Segredos, e mysterios quasi incriveis
«Da vida atroz, dos pessimos costumes,
«Da ignorancia, ousadia, e fatuidade
«D'esse homem monstro que injuria os homens,
««Nao menos é trabalho que grande erro, 9
««Ainda que tivesse a voz de ferro:
««E para dizer tudo, temo, e creio
««Que qualquer longo tempo curto seja;
««Mas, pois o mandas, tudo se te deve,
««Hirei contra o que devo, e serei breve.» 10
Promptos estavam todos escutando
O que a palreira Deosa contaria; 11
Quando (bem como um barco em maré fresca
Que das velas só uma desenverga
Dos ventos á feição) fechando, cála
A metade das boccas com que falla
Votadas á mentira; abre espaçosas
As outras cincoenta; e, a voz alçando,
Começa a propalar duras verdades,
Que, pela minha musa repetidas,
No armazem opulento da memoria
Guardei cuidoso, para expor jucundo

9 Camões, Lusiadas, Canto 5. Estancia 16.
10 Cam. Lus. C 3. Est. 4.
11 Imitação de Cam. na Est. 3. do 3. C. da Lus.

Materia vasta de que ria o mundo.
Na famosa cidade, em outras eras
Dos romanos *Pax Julia* nomeada,
Onde, d'illustres paes, engenho illustre.
Nasceo, para ganhar um nome eterno,
O escriptor portuguez Freire de Andrade;
De pasteleiro pai, se a mãe não mente, 12
O poeta orador, e ex-frade Elmiro
Nas ilhargas de Angelica gerado, 13
Couceou burricalmente alli um anno
Nutrido a restos de pastel sediço;
Tinha perfeito o sol no ethereo curso
Cem vezes dezesete inteiros gyros
«Com mais cincoenta e nove em que corria; 14
Quando este avesso heroe, grunhindo, os olhos
Infaustamente abriu á luz primeira;
E, apenas pelos ares tenebrosos
(Que n'aquelle momento ennegrecêrão)
Na voz da infamia re-soou medonho
O agouro de seu torpe nascimento,
Mais ligeira do que uma ventoinha
A céga Deosa que governa em Ancio,
Ás maos ambas filando-se no engenho,
Pegou a des-andar na leve róda

---

12 Gregorio de Macedo, que se disse pae de J. A. era um mau pasteleiro em Beja

13 Angelica Rosa teve por nome a mãe de J A.

14 Imitação de Cam. na Est. 2.ª do 5. C. dos Lus.

D'onde aos dubios mortaes á tôa espalha
O gosto, e o des-prazer, os bens, e os males;
E, depois de já muito esbaforida
De dar de engonço á rapida munhéca,
Exclamou «Tu, que vens sem meu auspicio
«Tentar da vida os asperos caminhos,
«Andarás de cu-rôto, e pé-descalso
«Gandaiando em sonóras enchorradas;
«Apostàta serás, e hirás fugido
«Tocar os burros na ronceira estrada;
«Em tudo fallarás, sabendo nada;
«Como um cão ladrarás a todo o mundo,
«E de ti dirá mal o mundo todo;
«Da moral, da razão, e do bom gosto
«Viverás sempre alheio, e desviado
«De tudo o que se chamão bons caminhos,
«Ou, se algum por acaso enfiar quizeres,
«Dest'arte sempre me acharás virada.»
Disse: e a róda fatal, que o mundo azoina,
Com o impeto do impulso recebido
Inda rangia, voltiando no eixo;
Eis de cabeça cháta, e longos córnos,
Livido o rosto, e os olhos encovados,
Negra, espaçosa—bocca—desdentada,
Com lingua venenosa, angui-farpada,
Deforme corpo—esguio, e derrengado,
Unha adunca nas mãos, e unha na palma,
De cabra os pés, de noitibó as azas
Um genio á Deosa se apresenta, e diz-lhe:

«Ó Deosa, sem a qual tudo é lamuria,
«Consente que eu, os córnos abaixando,
«Te inquira se ao mortal recem-nascido
«O teu favor, ou des-favor resguardas?»
Mal proferiu as ultimas palavras
E a Deosa, des-cahindo a sobrancelha,
A bocca, e os cegos olhos retorcendo
E dando um espantoso, e grande brado,
Lhe respondeu com voz pezada, e amára,
Como quem da pergunta lhe pezára: 15
«Sabida cousa é que eu não protejo
«Quem não sabe dobrar-se aos meus caprichos,
«E sempre o meu favor é denegado
«A quem sem meu auspicio, e meu acêno
«Ousa entrar no mundano labyrintho:
«Mas quem és tu? Porque razao me inquires?
«O Desaforo eu sou (lhe torna o Genio)
«Que por decreto do immutavel fado,
«Em lugar de Lucina, hei presidido
«Ao natal do pequeno pasteleiro;
«E asim que elle nas garras da parteira
«Deu, ferido da luz, e do ar mais frio,
«Os primeiros dois bérros, que voaram
«Pelas fendas do tecto arruinado
«A quebrar-se na abobada do mundo,
«Disse-me o Fado entao:» — Essa lesminha,

---

15 Cam. Lus. C. 5.º Est. 49.ª

Que assim pelo abrutado, e monstruoso
Parece parto de urso, ha de por tempos
Ser um dos teus alumnos mais pasmosos;
Terá um tão sem-par descaramento
Que a todos ganhará por descarado;
De forma que, sendo elle no juiso
Tão bom como na cára foi Thersites,
Não haverá ninguem mais orgulhoso,
De tanta presumpção, e atrevimento,
Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados! 16
Hade tudo approvar que os mais condemnão,
Tudo hade condemnar que os mais approvão,
Nem homem haverá, nem obra boa
Que elle não envenene, ou que não rôa!
Detrahindo Vieira, hade roubal-o; 17
Deturpando Camões, hade seguil-o, 18

16 Cam. Lus. C. 2.° Est. 55.ª

17 Vejam-se os Sermões (alias pasteis oratorios) de J. A. e achar-se-lhe-hão largos roubos ao nosso doutissimo orador Antonio Vieira: vejão-se os seus *Soliloquios*, e notar-se-lhe-hão mil grosseiros insultos ao mesmo Vieira.

18 É impossivel dizer mais disparates do que J. A. em descredito de Camões; mas é tambem impossivel que alguem compozesse um poema sobre o mesmo assumpto, e que mais, e tão infelizmente lhe seguisse a pista.

Bem que nas suas mingoadas phrases
Ridiculo se torne, ou desairoso
O que é bello em Camões, ou magestoso;
E, para coroar seus desvaneios,
Em regrinhas mais curtas, e mais longas,
De longo destempero recheadas,
Comporá uma cousa que, de alcunha,
Hade chamar poema, presumindo
Emendar o Camões com mão de mestre:
Em fim, esta lesminha pasteleira
Será da fatuidade o *Non plus ultra*,
Consumado prodigio da maldade,
E da pouca vergonha o *Totum continens*;
Tu serás seu mentor, e seu modelo
De pensamentos, de palavras, e obras,
Em quanto, para azoião dos pexotes,
No rol dos vivos negrejar seu nome.—
«D'est'arte o fado se me abriu: ó Deosa,
«E eu, que ante-vejo a nuvem de sarcasmos
«Que começa a engrossar sobre a cabeça
«Do meu novo educando; eu, que antevejo
«O odio, e desprezo com que a gente boa
«O tem de contemplar, arreceando
«Vel-o em tanta tormenta soçobrado
«Rogo os teus dons, o teu auxilio imploro:
«Protege o meu alumno, e eu te prometto
«Que, por minhas lições, elle se dobre
«Volubil como o vento, ou como as agoas
«Prompto sempre a servir os teus caprichos.»

Como quem de uma grave personagem
Ouviu proposição que não lhe agrada,
Mas por força do empenho alfim se move,
E, alevantando a vista mal segura,
Annue, rompendo a voz c'um falso riso;
Assim, depois de um pouco estar cuidando, 19
Prosegue a Deosa que faz tudo á tôa:
«Esse abjecto mortal por quem me imploras
«De toda a protecção se faz indigno;
«Mas, pois que tanta vez tem visto o mundo
«Alliada a Fortuna ao Desaforo,
«Desta alliança os laços se reforcem,
«E apresente-se ás barbas de Lisboa
«Um phantasma de sabio, um nescio, um zoilo,
«E esta seja o *Macedo*, *Espinha—Filho*, 20
«(Algum dia será *Padre—Lagosta*) 21
«Literario Quixote com seu Sancho, 22
«Dizendo, e desdizendo, e profanando
«Leis da razão, e mimos do bom gosto;
«Sem que a nenhum vivente se permitta
«Combater seus delirios, desfazendo

---

19 Cam. Lus. C. 3. º Est. 3.ª
20 O dito pae de J. A. teve de alcunha *O Espinha*.
21 Não é alvitre meu, assim chamão a J. A. por allusão ás suas alentadas, e vermilhissimas bochechas.
22 J. J. P. Lopes (actual redactor da *magra Gazeta de Lisboa*) faz para com J. A. em literatura as vezes de Sancho Pansa com D. Quixote cavalleirescamente, sendo uns pela penna, o que forão os outros pela espada.

«As trevas da Ignorancia, e alimpando
«Das nodoas do Cynismo as Bellas Letras.»
Mal que isto ouviu, babando-se de gaudio,
Deu tres voltas no ar o Desaforo,
«Regamboleando a fofa, ai tôna! ai tona! 23
E, serenado o infame regozijo,
Mais lhe interroga a variavel Deosa:
«Sabes tu quanto cumpre ao teu alumno
«Por que possa alcançar taes privilegios?
«Optimamente (torna o Desaforo,
«Mui cortêz inclinando a córnea fronte)
«Necessita empregar juntas, e sempre
«Adulação, Maledicencia, Intriga,
«Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja
«Com toda a estygia copia, e ter a lingua
«Mais devassa do que uma taramella;
«Por que o muito fallar engóda o Vulgo,
«E só por fallar muito os nescios campam:
«Porém, como estas donas que refiro,
«E as outras, que, do inferno desertoras,
«Andão sempre na córte em valimento,
«Ou são minhas irmans, ou sócias minhas,
«Eu as farei chegar para o Pequeno,
«E, com todo o seu prestimo, servil-o.»
Eia pois, Desaforo, mãos á obra:
(Instou a Deosa d'olhos de toupeira)

---

23 Filinto Elysio, Tom. 5.º

«Ha certos contra-tempos a que eu julgo
«Não poder esquivar o teu alumno;
«Por exemplo, aos labeos que imprime a Fama
«Naquelles que entre os Vicios professaram,
«E aos apódos, apupos, e motejos
«Que revoão continuos na bochecha
«De um pedante Orador, de um máo poeta,
«Ou de um auctor ignaro, e presumido:
«Mas que isto assim succeda importa pouco,
«Pois, seguindo elle á risca os teus dictames,
«Eu te affianço que terás de vêl-o,
«Já por dez lustros enrugado, e ruço,
«Sob os auspicios de um chapado lente,
«Inda accêso a compor de varias castas,
«Por falta de sermões, nescios folhetos.»
Dito isto, o Desaforo, arreganhado
Com jubiloso riso, encruza os braços
A' mourisca maneira; inclina os cornos,
Que quasi hiam abrindo á Deosa os olhos;
E, o calcanhar caprino aligeirando,
Rapidamente deu a volta, e foi-se.

CANTO II

Pouco a pouco do cume das montanhas
Vinham cahindo mansamente as sombras [24]
Quando, da cega Deosa despedido,
Calcurriou folgaz o Desaforo
A dar por obra a meditada empreza.
Angelica no emtanto espartejada
Continuava as lidas pasteleiras;
E para accommodar o pastel vivo,
O fadado filhinho resingueiro,
Que todo se torcia, e que entoava
Um desatinadissimo berreiro,
De uma nesga da fralda, e de um barbante
Fez um atado da feição de rolha,
E, de óvos, e de assucar recheado,
Encaixou-lho na bocca: dando um guincho

---

24 Majores que cadunt altis de montibus umbræ.
Virg. Ecl. 1.

Muito repinicado, e sonoroso
O rapaz, mais ligeiro que um cabrito
Abana o rabo quando chupa a teta,
E repéte berrando as focinhadas,
Aggarrou-se na rolha co' as mãos ambas,
E, já mais manso, ensarilhando as pernas,
Resfolgou fadigoso, resmungando
A chuchurrubiar na teta falsa:
Então a mãe, sorrindo-se de gosto,
Deu-lhe um beijinho, ergueu-se, e muito lesta,
Atraz traçando a saia, arregaçou-se,
E preparou com todo o primor d'arte
Um lombo de carneiro em vinha d'alhos;
O mestre (e feliz pae, se fez tal filho!)
O *Espinha*, por seus molhos memorando,
Andava azafamado requentando
Uns arenques, que tinhão sobejado
Da vespera ao jantar; e, como a noite
Já neste tempo, abrindo as fuscas azas,
Vinha espalhando um doce desalento
Mensageiro do somno, que restaura
As forças lassas da diurna lida,
Angelica, dando ais de fatigada,
Foi sentar-se co' a Lesma ao pé do forno,
Aonde então o pinho resinôso,
Em roxas labaredas ondeando,
D'espaço a espaço fulgido estalava;
«Da-me cá o pequeno taboleiro
«(Disse para o marido) onde costumas

«Mandar jantares para os teus freguezes;
«O nosso filho é muito mau, não pára,
«Tem-me quebrado os braços; se não dorme
«Não sei como hade ser, tenho a cabeça
«Quasi quasi esvaida, estou mui fraca;
«Vamos vêr se adormece deitadinho
«Dentro do taboliro, pois não temos
«Um berço, e tens com os ovos a canastra!»
Disse: e, envolvendo-o n um farrapo antigo
Resto saudoso, sórdido fragmento
De uma saia de chança dominugueira,
Estófa o taboleiro com rodilhas,
E appresenta-lhe aquelle rico prato
Que tinha de sahir tão boa prêa!
Depois no cotovêlo recostada
As estiradas tetas repuxando,
Amamenta o heroe, e a pouco a pouco,
Fechando os olhos, languida adormece.
Como, se em meio giro a noute vôa,
E ouve balir as pávidas ovelhas,
De feroz alegria assalteado
Enrola a cauda na carreira um lobo,
E em redor do curral vai, vem, e torna
Por aqui, por alli buscando, e vendo
Por onde, não cuidado, salte, e empregue
Em pingue rêz o dente sanguinoso;
Tal, ouvindo a chorósa moliana
De seu presado alumno o *tenro Espinho*,
Andava o Desaforo affogueado

No empenho de influir-lhe a propria astucia;
E, por não perder tempo, foi-se aos Paços
Onde suas irmans, e socias suas
Adulação, Maledicencia, Intriga,
Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja
Com as outras estygias companheiras
Em plena corte assazonavam crimes:
«Vinde (lhes diz) por nossa gloria o mando:
«Na potente provincia d'Alem-Tejo,
«Abastada c'os dons da loura Céres,
«E sempre ufana de mavorcios louros,
«A uma por mil titulos cidade
«Desde as eras de Roma já famosa;
«De misérrimos paes em torpe alvergue
«Nascido alli, eu tenho um educando
«Pelo qual consultei Fortuna, e Fados,
«E por minhas consultas hei sabido
«Que a todos nós resultará grande honra
«Dos impios feitos, e das nescias obras
«Com que por vario modo em tempo vario
«Elle hade nauzear Lisboa inteira,
«Inda depois de frios lhe pezarem
«Bons cincoenta janeiros no cachaço!
«Eia, minhas irmans, por nossa culpa
«Não deixe de contar pasmado o mundo
«Mais um heroe d'insigne desaforo:
«Este meu prezadissimo educando
«Quero que fique sempre memorando;
«Pois se as virtudes no louvor não morrem,

«Os grandes crimes não esquecem nunca,
«E o nome d'Herostrato é mais sabido
«Pelo incendio do templo de Diana
«Que o do grande architeto Tesiphonio
«Auctor d'aquella Ephesia maravilha :
«Quero emfim que este meu famoso alumno
«Seja um composto tal dos vicios todos
«Que um homem vicioso não pareça,
«Pareça o proprio vicio em gesto de homem ! 25
«Eia, não se retarde a nossa gloria :
«Em quanto é tempo, vamos; não succeda
«Que algum genio do bem vá bafejal-o,
«Infundindo-lhe n'alma os sentimentos
«Que podem estorvar nossos projectos :
«Eia, minhas irmans, a Beja, a Beja.»
Apenas proferido o atroz discurso
Negro vôo bateu o estygio bando,
E na aéria carreira tenebrosa
Horrenda saudação lhes entoaram
Juntas piando as aves agoureiras.
  Ergue os olhos, Calliope, e fagueira
Com teu benigno olhar, teu almo riso
Influe-me aquelle fogo moderado
Que esperta a narração, e a faz graciosa :
Da-me um raio da luz com que infla

---

25 Mentitur qui te vitiosum, Zoile, dixit:
Non vitiosus Homo es, Zoile, sed vitium. *Mart.*

«Esse que bebeu tanto d'agoa Aónia,
«Sobre quem tem contenda peregrina
«Entre si Rhode, Smyrna, e Colophónia,
«Athenas, Chios, Argo, e Salamina; 26
Com doce fluidez meus labios narrem
A facêta dicção, o estilo arguto
Em que o cantor de Achilles descantara
Das rãs e ratos a renhida guerra.
Ja do materno leite saciado
Áquelle tempo o heroe no taboleiro
Tinha, mamando em vão, largado a teta,
E ficado a dormir de bocca aberta;
De lenço na cabeça o *mestre Espinha,*
E de perna traçada, resomnava
Recostado na banca da cosinha;
Em perfeita mudez era a bodega,
Quando sobre ella revôou, pousando
Co' as estygias irmans o Desaforo:
A Adulação primeiro, que respira
Toda a aura das caricias, foi entrando;
E, muito compassada, e airosa dando
Tres voltas de redor do heroe dormente,
Com sereno bafejo insinoou-lhe
Seu seductor espirito maligno,
Que o profundou n'um somno saboroso.
Seguiu-se-lhe a mordaz Maledicencia.

---

26 Cam. Lus, C. 5.° Est. 87.ª

Manancial de atrózes invectivas,
E arteira de atrocissimos dicterios;
Que, aos ouvidos do heroe resmoneando,
O fez caramunhar quasi accordado;
E, latindo feroz como um rafeiro,
De cynico furor eivou-lhe os têstos.
Eis que esvoaça com fallaz zumbido
A sempre inquieta, turbulenta Intriga;
Que, mui velóz mechendo, e remechendo
D'uma, e d'outra rodilha as dobras todas,
E ruçando co' as unhas brandamente
Nos graves pés do heroe recem-nascido,
Perpetua inquietação calcou-lhe n'alma.
Salta logo de anquinhas, e donaire
Marchando a Presumpção empavezada,
E caminha após ella a Audacia, impando
Corcunda por de traz, e por diante;
Avança cada uma por seu lado;
E, pegando a soprar no tenro alumno,
Por tál arte o fizeram que ind'agóra
Passea sempre de bochecha inflada.
Vai depois, em feição d'immunda serpe,
A Perfidia, aos corcóvos, rastejando;
Enrosca-se no peito, e na garganta
Do *pequenino heroe, desaforado;*
Torce o rabo; e, metendo-lh'o na bocca,
Elle cuidou ser teta, e foi chupando
Todo o veneno que inda vérte agora.
Ultima entrou, co'a vista arrevezada,

Frenetica ullulando, a torpe Inveja;
Contorce os membros lividos; espuma
Toxíco, e fel; raivosa os dentes range;
E co'a farpada lingua venenosa,
Que ao venenoso Escorpião imita,
Tres vezes zargunchou no esquerdo lado
Do *heroe-mamão*; que, vendo-se avexado,
Bufando enfurecido, como um touro
Com garrochas de fogo no cachaço,
Ou mordido da vêspa em dia estivo,
Com longos berros d'inflammada guéla,
Mui dissonantes do infantil vagido,
Tanto vibrou na casa o ar ambiente
Que apresentou com a candeia em terra,
E foi tombar ao canto a vinagreira!
Co'as heroicas rajadas aballado
Estremecendo o tecto mal seguro,
Em paredes de taipa descançado,
Corria e telha-va, e apresentava
A pedaços o ceo por entre as ripas:
Pelas fisgas da porta carunchosa
Os ares impellidos sibilavam
Como quando hibernosa tempestade,
Enegrecendo o ceo, revolve os mares,
E irados, e forçosos pelejando
«Noto, Austro, Bóreas, A'quilo parecem
«Arruinar a machina do mundo!» 27

27 Cam. Lus. C. 6. Est. 76.ª

N'um redomoinho andava a casa toda:
Mas, assim que elle deu os ais primeiros,
Batendo descompostas gargalhadas
O estygio bando revoou, sahindo:
Voando os monstros c'o estridor das azas
O medonho ruido accrescentavam;
E, vaidoso applaudindo o agouro infausto,
Clamou o Desaforo, encarquilhando
Tabidas faces com protervo riso:
«Exultae, socios meus, que o meu alumno
«Será um tão perfeito Sycophanta,
«E um Cynico será tão acabado
«Que nas taes prendas toda a Grecia encove.»
Porém o heroe, co'a bocca escancarada
Dobrando os sons, des-atinado berra;
E, ao pavoroso estrepito accordando,
Não bem desperta, *Angelica* presume
Que algum faminto canzarrão raivoso
Em vez de empada lhe trincava o filho:
Assenta-se a tremer, e logo exclama:
«Ai! o meu rico filho, coitadinho!
«*Espinha,* accode cá, traze a candeia.»
Assim dizendo carinhosa os braços
Lança ao choroso heroe, que estravejava
Fóra do taboleiro perneando,
Qual, sahindo do curro, um boi furioso
Que se embrulha, se estende, e se revolve,
Por se erguer forcejando, até que torna,
Mugindo, a dar mais fervida investida;

«Não sabe nesta presa quem lhe valha 28
Angelica; e, entendendo accommodal-o
Se lhe impingisse a teta, a teta puxa;
Vai a unil-o comsigo, e o heroe, raivando
Cada vez mais das furias avexado,
Prega-lhe uma valente mordedura, 29
E avança-lhe co'as unhas muito abertas
A' desgrenhada trança, que estalando
Fica nas mãos do heroe quasi em triumpho,
Como ja nas mãos d'Hercules ficaram
Os pullulantes restos tremebundos
Das hydras que no berço destroncava!
Então com susto *Angelica*, e com dores
(Inda mais que na hora em que o pariu!)
Grita, e torna a gritar «Ai! o meu peito!
«Espinha, nao me accodes? O pequeno
«Entrou-lhe cousa má..—Pois que é lá isso?
(Respondeu o *mestre Espinha* a espreguiçar-se)
«Sao bruxas que me deram co'a criança,
(Torna *Angelica*, afflicta vozeando)
«Certamente são bruxas: estas raivas
«São sobre naturaes. Ui! e a candèa
«Tão cedo se apagou! Esta é bonita!
«Deixa-me petiscar.» Resmoninhava
C'o somno estonteado o *mestre Espinha*:

---

28 Cam. Lus. C. 2.° Est 25.ª
29 Todo o mundo sabe que os heroes nascem com dentes.

E logo, abrindo a bocca, e dando aos hombros
E coçando-se muito nas ilhargas,
Foi ás apalpadellas procurando
Na sebenta, e deserta parteleira,
No lodoso pojal dos çujos potes,
E debaixo da banca mal segura
A caixinha da isca ; mas debalde,
Que, como a casa andou n'um redomoinho,
Adeus isca, adeus méchas ; e a criança
Bérra vez mais, e mais teimôso [30]
Do que em Maio bem pardo, e bem ventoso
Estala pelos Ceos repercutido
O medonho trovão ! Da noite o medo
Cresce co'a voz do heroe; ja não se entendem
Seus besuntados paes ; já qualquer delles
Reforça quanto pode a voz, e ficam
Azaranzados, tremulos, medrosos,
Patétas, sem saber o que um quer d'outro.
Morava logo alli paredes mêas
Uma velha mui nédea, e mui doutora,
Que dizia guardar certas reliquias
De certa, efficacissima virtude
Contra todas as castas de bruxedo;

---

30 He tanto enallage como em Cam, na Est. 24 de 5.º C. da Lus.

Mas já o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes appressada, etc.

E nesse mesmo dia por acêrto
Um Donato, que andava ao peditório
Foi pernoitar a casa da tal velha.
A filha da preguiça, e mãe do engano,
A palreira Ignorancia aventurosa,
Sempre c'o Desaforo officiosa,
E neste seu alumno embasbacada,
Ha muito que espreitava o como,e o quando
Podesse em seu serviço obter entrada;
E mui leda, e mui lesta aproveitando
Tão boa occasião, parte de trote,
Convóca a Reverencia; e logo, em forma
Uma da Velha, e do Donato a outra,
Vão, de lanterna, e de sacóla armadas,
Bater á porta, onde rebomba o echo
Das tres confusas, dissonantes vozes:
«Abra a porta, visinha» (clama a velha
Em que vinha a Ignorancia disfarçada)
«Aqui tem luz: coitada! que tormento
«Lhe tem dado esta noite o seu menino
«Não poder socegar! Isto são bruxas:
«Ora dê-me esse anginho, que aqui trago
«A bolsa das reliquias, e ind'agora
«Terão mais prompto effeito, pelas rezas
«Do senhor Reverendo.» Assim dizia,
E pegando do heroe o acalentava;
E logo a Reverencia mui devota,
Pondo-lhe a esquerda no alto da cabeça,
Co'a direita uma benção lhe atravessa,

Com bulliçosos beiços murmurando
Em sibilado som por entre os dentes
Certos tons variados sem palavras,
Imitando do choro a gritaria.
Como quem, da tarantula mordido,
Não pode repousar se nao escuta
Cadentes sons de cythara suave;
Assim o heroe, da inveja zargunchado,
Só repousou nos braços da Ignorancia,
Ao som da cantilena que entoava,
Fazendo-lhe segunda a Reverencia.
«Deus lh'o pague, visinha, Deus lho pague:
(Mui de mansinho *Angelica* dizia)
«Elle já dorme.»—Quasi. Torna a Velha,
E embalando-o nos braços o bafeja.
Então, pondo-se em pé muito direita,
C'os olhos ao divino em alvo póstos,
A Reverencia encruza-lhe tres bençãos,
E na parte onde é uzo abrir-se a c'roa
Unhou-lhe alguns delgados cabellinhos,
Que a Velha arrecadou co'as mais reliquias
Para deixar o heroe livre de bruxas.
A este tempo o *Espinha*, muito crente
Em toda a reverenda pieguice,
Pondo os olhos no chão, pede licença,
E, accendendo a candeia na lanterna,
Vai-se á gaveta, aonde chocalhavão
Alguns folgados cobres; muito humilde
Volta com um vintem, e diz «perdoe

«O senhor Reverendo, que a pobreza
«Não me permitte mais.» A Reverencia,
Muito risonha abrindo-lhe a saccóla:
«Venha (lhe diz) que tudo é caridade;
«E, para premiar seus bons dezejos,
«Em minhas orações eu lhe protesto
«De rogar que o menino inda algum tempo
«Venha a ser um dos meus, e que em Lisboa
«Dê um famoso brado.—Sim (prosegue
Arregalando os olhos a Ignorancia)
«Eu nunca em meus prognosticos me engano
«E agora affoutamente prognostíco,
«Segundo a grande força com que berra,
«Que o menino hade ser famigerado,
«E muito mais por tretas que por letras.»
Estas, e outras taes lérias embutião
Á estupefacta *Angelica*, e seu homem,
Que de queixo cahido as escutavão;
E logo despediram-se, deixando
O heroe muito sereno, e regalado,
Submergido no somno da ignorancia,
A tomar uma longa raposeira,
Preságo de outras taes que toma agora.

CANTO III

-Agora tu, Calliope, me ensina- 31
O que mais disse a Deosa Trombeteira,
Apressada movendo os sabedores
Dobrados labios da rotunda bocca. 32
  Corriam dias, e passavam mezes,
E *Angelica* não tinha uma só noite
Em que dormisse um'hora socegada;
Que, de noite, e de dia, e mais, e sempre
O *Heroe-mamão*, das Furias avexado,
Não somente estrugia o proprio alvergue,
Se não que a visinhança amotinava!
Quantas vezes *Angelica*, esfalfada
De lidar sem descanço, e sem proveito,
-Para o ceo cristallino alevantando

---

31 Cam. Lus. C. 3.° Est. 1.ª

32 ....Dedit ore rotundo
Musa loqui............. *Hor. Epist. ad Pis.*

-Com lagrimas os olhos piedosos,
-(Os olhos, porque as mãos põe na cabeça
-Apertando-a co'a força da amargura)
-E depois attentando no filhinho,
-Que tanto lhe sahira endiabrado, 33
Ao sujo *mestre Espinha* encasmurrado
Deixou cahir com pranto estas palavras: 34
«Ai! meu *Espinha*, eu muito bem conheço
«-Ser isto ordenação dos ceos divina- 35
«Para castigo nosso, que o peccado
«Comsigo traz a pena, ou tarde, ou cedo:
«Este nosso menino foi gerado
«Do Creador contra vontade, e em tempo
«Em que era para nós um beijo um crime;36
«Oxalá, por um gosto que tivemos
«Não nos dê o pequeno mais desgostos
«Do que estas noites más que nos tem dado.»

---

33 Imitação de Cam. na Est. 125.ª do 3.º C. da Lus.

34 Effusæ que genis lachrimæ, et vox excidit ore.
Virg. En. L. 6.º

35 Cam. Lus. C. 4.º, Est. 3.ª

36 *J. A. de Macedo* nasceu em 1759 antes do matrimonio de sua mãe Angelica Rosa com o dito seu pae Gregorio de Macedo, por alcunha *O Espinha.*

Mas o heroe, como o macho dos Bernardos,
Hia crescendo aos palmos, e crescia
Nos dotes infernaes com mór sobejo,
Que seu grave mentor, o Desaforo,
Com provida influencia não cessava
De aproveitar-lhe a indole pasmosa,
Tanto em seu natural propensa aos vicios!
Pae, nem mãe, nem parentes, nem visinhos
Nem mestres, nem affagos, nem castigos
Não podem amansar o tardinho,
Senhor de prendas taes que á vista delle
Roberto do Diabo era um santinho!
Inda os dentes queixaes não tinha todos
Já ganhava em malicia a dez raposas!
E, na idade em que alguns inda innocentes
Cuidão pelo sobáco haver nascido,
Elle, ja certo na materna estrada,
Gentil campeão da bregeiral palestra,
Destro em conca, e peão, bilharda, e pedra,
Com lingua de serpente, unhas de harpya
Ganhava em honra ás do rifão de Beja!
Contava já o heroe sette janeiros,
Quando uma noite em sonhos lhe apparece
O seu mentor na forma de um gigante;
E, abrindo ambas as mãos, que, se as erguesse
Com ellas té á lua chegaria,
Mostrou-lhe n'uma um burro, e n'outra um barco,
E disse, quasi em voz de uma buzina:
«Levanta-te, *José*, e vem servir-me;

«Levanta-te, *José*». Este era o nome
Com que o tinham á pressa baptisado.
O heroe, abuzinado, arripiou-se,
E, ainda mais que da voz, pasmou do gesto;
Porém não se calou, que n'essa idade
Já tinha para tudo audacia, e labia!
E, no tom da malicia, mui pacato
Responde «Quem sou eu que tão pequeno
«Possa ser servidor d'essa Grandeza,
«E muito mais sem eu saber quem sirvo.»
«Levanta-te, José (insta o gigante)
«Tu podes, é meu gosto que me sirvas,
«E será teu proveito se o fizeres:
«Sou Genio grande de um lugar pequeno
«Que é sobre o Tejo situado, em frente
«Da formosa cidade de Lisboa;
«Cacilhas é seu nome, e mui famoso
«Pelas grandes funcções de burricada
«Que no tempo em que os Zephyros campeão
«Dalli se fazem annualmente á Costa;
«Alli não estão nunca em ócio os burros,
«Que a diaria carreira das falúas
«Continuamente leva, e traz, e torna
«Com folgazona turba cavalgante,
«Que deixa bons tostões nos taes folguedos:
«Para alli te encaminha, que alli devem
«Começar teus trabalhos, e fadigas;
«E d'alli partirás para Lisboa,
«Onde se ha de acabar tua fortuna,

«E nas boccas do mundo andar teu nome.»
Assim dizendo, ameaçou de leve
-Que lhe pregava um couce no vazio- : 37
Do ameaço terrivel espantado
O heroe, pulando, grita, e nisto accorda.
«O que tens tu, rapaz?» (Accode o *Espinha*,
Que aos gritos despertou). «É que eu sonhava
(Responde o heroe) sonhava que um gigante
«Me dava um pontapé.—Cal'te, maroto,»
(Rosna o casmurro *Espinha* mui zangado)
«Que eu te farei o sonho verdadeiro;
«Amanhã te direi se a estas horas
«Se grita d'esse modo». Disse, e logo
Virou-se. e com *Angelica* abraçado
Outra vez a dormir pregou dous roncos:
Porém ficaram bem no fundo impressas
Dos miolos do heroe estas palavras
De seu sebento pae; e, revolvidos
Na inquieta, afiervorada phantasia
Os discursos, instancias, e ameaços
Do phantasma gigante de Cacilhas,
Entre susto, e esperanças duvidoso
Levou todo a scismar da noite o resto.
Já derramava pérolas a Aurora,
E no rôxo horisonte mil-córado
Os primeiros reflexos scintillavam

---

37 Imitação do Hyssope.

Da matutina alampada phebêa:
Cada raio de luz que lobrigava
Era um dardo que n'alma lhe varára
Do heroe, que, d'alto a baixo revolvido,
Deliberou sublime ; e, entao erguido,
Ligeiro em pensamentos e pégadas,
Foi-se á gaveta muito de mansinho,
E nas rapantes unhas, costumadas
A taes expedições, trouxe um cobrinho
Dos poucos que ella tinha ; e muito ufano,
Já de fora da porta a salvamento,
Comsigo arrazoou desta maneira:
«Irra ! o senhor meu pae, de mão alçada,
«Pertenderá de mim fazer picado
«Com que rechêe alguns pasteis? Bem bastam
«As muitas vezes que me tem zurzido !
«Não me ha-de pilhar mais; vou correr mundo
«E, se os sonhos, como eu já tenho ouvido,
«Do que ha-de acontecer são certo agouro,
«E um annuncio que o Ceo ás vezes manda
«Para determinar a gente incerta,
«Bem farei se me fôr por essas terras
«Até que vá parar no tal Cacilhas:
«Pois vou.» Rosnando assim, pôz-se a caminho.
E, luctando entre varias conjecturas,
O coração no peito lhe saltava.
Somente, vagaroso caminhando,
Tinha avançado o heroe tres nove passos,
Quando tres mui formosas borboletas

(Nuncias da Adulação, que o Desaforo
Enviava a esforçar o seu alumno)
As azas multi-cores desdobrando
Relustradas co'a luz do sol radioso,
E encruzadas voando, e revoando
Com suave sussurro sonoroso,
Nas orelhas tres veses lhe roçaram,
E outras tantas na testa lhe pousaram:
Daqui tomou o heroe jocundo agouro,
E foi mais ledo aligeirando o passo.
Mas, como o rifão diz, e é muito certo
—Que a pobreza não pode dar fartura,
E nem a fome cria bom cabello—
O heroe que desta vez, como outras muitas,
Tinha a barriga unida co'as costellas,
Pouco antes de deixar aventuroso
Os turrigeros muros da cidade,
Lembrou-se de contar o tal cobrinho,
E achou setenta reis «Bom! para hoje
(Disse entre si, pinchando de contente)
«Ja tenho que comer: vamos á tenda.»
Dito, e feito: foi logo rebolindo,
E pediu pao, e queijo; muito airoso,
Sobre o balcão correndo a mão fechada,
A faser co'as de cinco chocalhada.
Desprevenido das heroicas manhas
Do *Espinhoso—Telémaco—Pacense*, 38

38 *Espinhoso* por se diser filho do *Espinho*, e *Pacense* por ser natural de Beja.

Ithaco envéz d'enviosado ensino ; 39
Já o tendeiro, no balcão pousando
Um pão grande e uma faca, se tornava
Para traser o queijo; eis quando salta
De um negro, grande, e gordo gato em forma,
A pró do seu alumno, o Desaforo ;
Mia assanhado, e horendamente berra,
Despendura uma reste de cebollas,
Desconcerta as balanças, e as vasilhas,
Embrulha-se nas pernas do tendeiro,
E dá no chão com elle de cangalhas.
Não quiz mais ver o heroe: dizendo «Sape»
Tres cebollas, e o pão á pressa agarra;
E lá se vai tão lépido esgueirando
Que em vão corre o tendeiro, e grita, e busca,
Já lhe não pode pôr a vista em cima:
Tanta foi sempre a sua ligeireza!
Eil-o por essas terras de jornada
Afortunadamente amiudando
Uns após d'outros os heroicos passos,
Todos de calcanhar assignalados ;
Co'a barriga de farta sempre impando,
E os seus setenta reis sem ter desfalque,
Pois sempre o seu mentor lhe deparava
Novas occasiões de gatunice,

---

39 Por que Minerva foi o Mentor do filho de Ulysses, e o Desaforo o tem sido de *J. A. de Macedo.*

Que elle ja como mestre aproveitava :
Chega em fim a Cacilhas ; e, lembrado
Do que o gigante em sonhos lhe dissera,
Olhando a turba burrical que o cerca,
Por força de attracção alli se fica ;
Bem como o ferro ao iman apegado,
Ou leve palha ao transparente alambre.
 Da jornada o heroe já vinha armado
De um carapuço azul que surripiara,
E de uma cacheirinha de carrasco ;
Estava prompto para a vida, e logo,
Camarada dos outros *toca-burros*,
Na estrada começou a dizer «Arre.»
O' ancas burricaes, se vós fallasseis
Dirieis as lambadas furiosas
Com que elle vos brindou, quando era empenho
De servir com presteza alguns fregueses,
Ou quando a casquilhissima gualdrapa
Muito amarrada vos tolhia os passos !
Mas vós suáveis a poder de arrôcho,
E elle enchia de cobre as algibeiras ;
José de seus pátrões era a delicia,
E, nenhum dos rapazes de Cacilhas
Trasia tantos burros a seu cargo. 40

---

40 Não cuidem os pios leitores que isto é peta : *J. A. de Macedo* foi tão heroe desde os seus primeiros annos, que, não contando ainda mais do que sette, fugiu a seus paes, e veio por essas terras ga-

Burriqueiro andarilho decantado,
Já então, como agora, enthusiasmado
(Nas Helliconeas faldas babujando
O excesso das vertentes de Aganippe)
Ao burro que mais quer, por mais andejo,
Nas horas de lazer o heroe compunha
Versos em prósa, e rythma! Erão preludio
De obra mais longa, versos mais chapados
Em que elle, já depois de burro velho,
Com mètrica mania escouceando,
Da sua musa, a Infamia por conselho
Devia os burros celebrar zurrando. 41
Que fazias no em-tanto, ó sujo *Espinha*,
O' esfalfada *Angelica*? O teu filho
Fez uma ida como a faz o fumo!

---

tunando, até se estabelecer moço de burros em Cacilhas, d'onde, para comprir seus fados, abalou para Lisboa á gandaia.

41 Allusão ao seu chamado *Poema dos Burros*, que tem apparecido manuscripto accrescentado, e variado de mau para peor; obra cujo tedioso estylo, e malignidade são sobejos testemunhos para se reconhecer *J. A. de Macedo*; sem ter nem um laivo dos chistes da Martinhada, tem igual indecencia, e é mais sórdido; dos preceitos poeticos não se lhe acha sequer um; acham-se-lhe porém reunidos todos os defeitos triviaes nas obras do seu auctor; e dá sobre tudo que admirar o calumnioso, e excessivo fel, que por toda ella está derramado em tanta copia, que não se acreditaria, se J. A. não estivesse tão conhecido.

Debalde é procural-o: nem ao menos
Apparece quem dê noticias delle,
E o ultimo que o viu lá na cidade
Foi o tendeiro, que ficou roubado,
«Ai! o meu filho (*Angelica* dizia)
«Meu rico filho, feito ás escondidas,
«E j'agora escondido para sempre!»
Tres vezes cada dia, quando menos,
Se repetia a mesma caramunha;
Porém embezerrado *mestre Espinha*
Ou não dava resposta, ou, qnando a dava,
Por se ver livre d'elle os ceos louvava.
Passou-se mais de um anno, e fadigoso
Verdugo burrical famigerado
Andava o heroe nas palmas dos freguezes:
Mas já nas portas d'alma lhe batia
O Desaforo novas aldravadas,
E do desejo as cocegas teimosas
Não o deixão parar sem ver Lisboa;
Nem tanto esta partida retardára
Se ás vezes, cogitando na partida,
O largo coração não lhe apertassem
Ternissimas saudades dos burricos.
Porém o seu mentor attento a tudo,
Que até os pensamentos lhe adivinha,
E quer aproveitar-lhe os bons dezejos;
Com gestos de hortelão passa a Cacilhas,
Vai-se ao patrão do heroe, entra em ajuste
E compra o burro que elle mais amava;

De seu primeiro dono assim chamado
Chamava-se o tal burro, o *burro-Lopes*;
E, por influxo de amisade antigo,
De outro *Lopes* o heroe é hoje amigo. 42
Já no peito do heroe lavrava a magoa
Da perda do burrinho, seus enlevos;
Mas vendo o Desaforo o seu alumno
Que todo se engonchava com saudades
Do orelhudo animal, chamou-o á parte;
E, mui meigo affagando-lhe as bochechas,
Com ar de riso disse-lhe: «Se queres
«Anda comigo, ficarás com elle.»
Annue o heroe, embarca-se c'o burro,
E logo desatraca, e desafferra
Soltando a larga vela ao vento largo.

---

42 *J. J. P. Lopes* actual redactor da *Gazeta de Lisboa*.

CANTO IV

Quasi sempre a Fortuna lisongeira
Sopra com vento em poppa ao Desaforo,
Ou lhe deita aos baixeis a borda n'agoa
Ventando-lhe á bolina em todo o rumo;
Mais que um tritão curvado a Cytherea
Vai pelas agoas rapida a falúa
Arfando compassada, e pela poppa
Longa deixando esteira d'alva espuma:
Eil-a estremece já, c'oa aguda prôa
Tocando em sêcco as praias de Lisboa;
E, dando as mãos ao bambear da prancha
Em terra c'o hortelão o heroe saltava:
Mas qual seu pasmo foi quando, inda apenas
Afincando na area os calcanhares,
Olha a ver o que vai, vê promptamente
A falua a virar fazer-se ao largo,
E não vê o hortelão!... Procura, chama,
Porém debalde, que ninguem responde;
E a turba circunstante, ao ver seu pasmo,

D'escarneo lhe bateu longa risada.
Bem como quem de um grande pezadello,
Os olhos esfregando, se levanta,
E, inda co'a phantasia povoada
De embusteiros somnivolos phantasmas,
Entre a abusão, e a realidade hesita;
Tal, por mui largo espaço, duvidando
Do mesmo que está vendo, e está passando,
Ficou o heroe co's olhos espantados
Perplexo, estupefacto, mudo, e quedo,
Alma de Judas, corpo de penedo!
O burro foi-se, e o hortelão sumiu-se
Desfeito em insultantes gargalhadas!
Mas o heroe não tremeu; já de pequeno
Começava a ter callo na paciencia
Para soffrer violentas surriadas;
E ja tinha na cara tres ou quatro,
Das sette que ora tem, camadas de aço
Impenetraveis da vergonha aos tiros.
Então, segundo havia contractado
Com seu grave mentor, quiz a Fortuna
Da sua protecção prestar-lhe um rasgo:
Conjura o torvo rei das tempestades,
Pedindo-lhe dois rijos agoacciros;
E, em quanto o heroe com intima zanguinha
Azoado bufando parafusa,
As rajadas do sul voão, trazendo
Nas negras azas cérulos chuveiros.
Fervendo com soído estrepitoso

Pelas mui porcas ruas de Lisboa
Amplas corrião turvas enchorradas,
Nas quaes com grande grita, e algazarra
A corja dos gaiatos gandaieiros
Toda do peixe prego andava á pesca:
Ouviu o heroe os sons desconcertados
Da miuda canálha gritadora,
Mais bulhenta que incommodas cigarras
Na força do verão, ou que ao sol posto
-As rans, no tempo antigo Lycia gente,- 43
Coaxando agora nos lodosos charcos:
Ouviu o heroe; e, qual saccode as crinas
Generoso cavallo, que relincha
Inquieto ao som das bellicas trombetas,
Tal em seu peito o coração brioso
Férvido pula, c'o desejo ardente
De acompanhar a turba gandaieira
N'aquelle nobilissimo exercicio:
Dezejou, e cumpriu; e, em sós dois saltos
Mettendo os pés na proxima enchorrada
Se perfilou no rancho dos gaiatos,
Que logo muito accesos resingaram,
E por um tris que não se engalfinharam!
Já tinham cinco ou seis o murro feito,
E sobre o manso heroe o punho erguiam;
Porém neste comenos a Fortuna

43 Cam. Lus. C. 2.° Est. 27.ª

Traz de rolo nas ondas da enchorrada
Soante multidão de ferros velhos,
Que, de tropel batendo nos artelhos
Da ardente guerreada rapazia,
Toda, a um tempo tocada, estremecendo
Se encurva, mette a mão nas sujas agoas,
E sem ponta, ou cabeça um prégo fisga:
O heroe, por ser heroe, foi mais ditoso;
Deu logo com tres trolhas, tres martellos,
Um nivel, um compasso, uma esquadria,
(Cousas a que tomou perpetua zanga)
Porém dous sovelões, quatro cutelos,
Trinta gazúas, facas, e serrotes,
(Cousas com que folgou para seu uso)
Tudo aínda capaz, e em tempo breve
Pescou tão limpamente que assombrava
Até os brejeirões mais amestrados!
E condusiu-se em fim por tal maneira
Que, antes de ser chegado o fim do dia,
Foi por voto geral do rancho inteiro
Eleito *Capataz da Bregeirada.*
  Mas, de tanta excellencia mal contente,
Tentou o heroe n'aquella mesma noite
De seu genio sublime um novo ensaio.
  Quando em vastas ruinas espantosas
Ficou Lisboa quasi sepultada:
Que os horridos vulcões flammi-ferventes,
Com subterraneo horrisono rebombo,
Medonhamente o seio lhe abalaram,

E a torreada pompa lhe abateram ;
Que ás do Tejo auri-placidas correntes,
Verde-negras bramindo acapelladas,
Em rôlo espantosissimo cresceram
Quasi para tragar o chão que adornam ;
Que o Susto, o Medo, o Espanto, o Estrago, e a Morte
Co'as torvas azas lugubres cercaram
Seus muros infelices, povoando
Seu mésto chão de pavorosos quadros !...
E que depois, sob o ditoso influxo
De um grande rei, um próvido ministro
A ergueu das cinzas, e a tornou mais bella!
Por força d'arte avassallando as agoas,
E o Tejo um pouco recuar fazendo,
Assentou-se em firmissima estacada
Um quadrado Terreiro magestoso,
Aonde, bem ao meio, em bronzeo vulto
Se ergue (do mundo oitava maravilha !)
De um só jacto fundida a equestre estatua
Que ao vivo representa o grão monarcha,
O primeiro José, rei venturoso
Que prezado viveu, morreu saudoso !
De redor com symetrica ordenança
Sobre vastas arcadas se levantam
Soberbos, sumptuosos edificios ;
Pois, com ambas as mãos o erario abrindo,
O magnifico rei fêz regia a obra !
Do lado oriental á beira d'agoa,
E quasi sobre o Tejo debruçado,

Ha um salão de rica architectura
Em marmoreas columnas sustentado:
No gyro do commercio alli concorrem
Da Europa toda, e todo o mundo as gentes;
E no espaçoso caes, que orla o Terreiro
Pesão continuamente as mercancias
De toda a casta, e dos paizes todos:
Entre outras mil de Americana origem
Abunda mais o proveitoso assucar,
Enlevo da miuda brejeirada,
Que, das caixas as fisgas espreitando,
Máo grado aos sujos Argos que as vigião,
C'os lapuzados dedos esgravata
A doce, e pegajosa golosina.
Já de braços abertos aguardava
Thetis o Sol, que, os raios affrôxando,
Com pallido clarão amortecido,
Apenas scintillava no occidente;
Quando o profugo heroe, c'o carapuço
Dos chuvosos despojos recheado,
Marchou sublime para a nova empresa,
E soube com tal arte conduzil-a
Que ainda não tocava o sino ás oito,
Já elle, e seus bons socios tinham fartas
De assucar a barriga, e as algibeiras!
N'estas, e taes fadigas gloriosas
Consumiu mais de um anno, inda ignorado
De um dito tio seu, que era em Lisboa

Um pobre ourives, mas um pobre honrado 44
Que, mau grado aos orgulhos da riqueza,
Acha-se a honra no ásco da pobresa.
-Mas tendo promettido o Fado eterno,-
-Cuja alta lei não pode ser quebrada,- 45
Que o *heroe-capataz-da-bregeirada*
Fosse tambem o *trovador do Gama*,
Ou o *Camões do avêsso*, era forçoso
Tiral-o da gandaia, e pôl-o ás letras;
Bem que nesta republica se erguesse
Peior do que no mar Mediterraneo
Um barbaro Argelino armado em côrso!
 Apenas alvejava no horisonte
O tremulo reflexo duvidoso
Do raio matutino, e a frôxa Aurora,
As novas dormideiras orvalhando,
Novo torpôr nos membros derramava
Dos molles cidadãos, que se regalam
C'o somno da manhã tão saboroso;
Então o tio ourives preguiçoso,

---

44 E' mui verdade que *J. A. de Macedo* viveu empregado em toda a casta de gatunice, que lhe permittiu a idade, até contar mais de nove annos; tempo em que um ourives, que se dizia seu tio (posto que na realidade só foi parente mui chegado a sua mãe) o tirou da gandaia, e o metteu na eschola; e depois, em idade propria, na Communidade Graciana.

45 Cam. Lus. C. 1.° Est 28.ª

Dando mais uma volta sobre a barra,
Se dispunha a dormir até as sette:
Voando leves sonhos lisongeiros
Na mal adormecida phantasia
Mil visões agradaveis lhe apresentam:
Figurou-se-lhe ver em lugar alto
Um homem de bocheca rechonchuda,
Em gesto, e feições alambazado
Que, fazendo c'os braços dobadoura,
Com sibyllino tom, phrase caloura
Gritava até suar, e ter perdido
De rouquidão a voz; e em redor d'elle
Muita gente pasmada, e boqui-aberta,
Parte da qual depois o accompanhava
Dizendo-lhe de manso «Viva! Bravo!»
Elle mui vermelhaço, e mui trombudo,
A todos acenando co'a cabeça,
Marchava como um galgo em retirada,
Alimpando o suor nas ruças mangas;
E, dos hombros tirando um trapo branco,
Mui ligeiro as mãos ambas estendendo,
Em uma recebia um dinheirinho,
E co'a outra ancioso agadanhava
Um trasbordado copo de bom vinho
Que logo nas guelas emborcava. 46

---

46 Não se escandalisem os senhores oradores sagrados, eu não zombo do ministerio, zombo do seu indigno ministro *J. A. de Macedo.*

Inda estava cuidando o bom do ourives
Ver emborcar rapidamente o copo,
Eis da Philantropia o Genio vôa;
E diz-lhe «De José te chamão tio,
«Elle avança com passos de gigante
«Pelo caminho á perdição aberto,
«Tu deves-lh'a evitar; do ensino a força
«Talvez corrija o natural maligno
«Que á desgraça o conduz: inquire, busca,
«E na turba dos sordidos gaiatos
«Acharás, gaiatissimo entre todos,
«Teu sobrinho *José*, que está entrado
«Em dez annos de idade, e inda não sabe
«Ao menos o ABC! Porém com tudo,
«Não te esmoreça o seu atrazamento:
«Se agora dás com elle nas escholas,
«E mal chegar á idade competente
«Déres com elle frade, eu te affianço
«Que inda ha-de ser um pregador que azoine
«Lisboa, e seus compridos arredores;
«E até, segundo as tróvas que hoje inventa,
«Virá talvez tambem a ser poeta.
«Poeta não (accode logo o ourives)
«Poeta não, que é praga, que é mania,
«É loucura, é doudice que eiva os testos
«De alguns, de cuja vista precatados
«Fogem todos os tumidos magnates:
«Poeta, e pobre é quasi tudo o mesmo;
«Eu estou da pobresa enfastiado,

«E não quero o rapaz c'o mesmo achaque.
«Nescio, nescio! (altamente instava o Genio)
«Não presta o fazer vida de poeta,
«Mas ser poeta é bom ; esses que ostentam
«Ter em pouco a poesia, é porque as Musas,
«Avaras de seus dons, lh'os nao dotaram,
«E á estupida preguiça se entregaram:
«Para ser bom poeta cumpre unir-se
«Longo estudo, e saber, bom gosto, e engenho
«E ainda montará tudo isto em pouco
«A'quelle a quem não dér a Naturesa
«O dom particular a poucos dado,
«Claro juiso, e phantasia ardente,
«Alma sublime, locuçao vehemente, 47
«Dá honra a poesia aos seus alumnos ;
«E, se deshonra alguns, essa deshonra
«Não vem da poesia ; é porque nescios,
«Sem bem avaliar as proprias forças,

---

47 Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.
Hor. Sat. 4.ª L. 1.º

S'il ne sent point du Ciel l'influence secrette,
Si son astre en naissant ne l'a formé poéte,
Dans son genie étroit il est toujours captif ;
Pour lui Phebus est sourd, et Pegase est retif.
Boileau dans l'Art Poet. Chant. 1.

«Ou de si proprios presumindo muito,
«A difficeis emprezas se arrojaram,
«E d'alta presumpção se despenharam. 48
«Dizer que a poesia traz pobresa,
«Isso é abuso da vulgar cegueira :
«Olha tu se na epocha de Augusto
«Ouviste já diser que fossem pobres
«Horacio, ou Polliao, Virgilio, ou Varo?
«Ou se quando reinou Luiz quatorze
«Foram pobres tambem Boileau, Racine,
«Ou inda os outros de lembrado nome?
«Exemplos (que nao faltam) poderia
«Entre as outras nações citar-te immensos;
«E até se em Portugal quisesse exemplos,
«Alguns, e não mui poucos, acharia
«Que essa vã prevençao desvanecessem.
«Raros merecem de poeta o nome,
«Mas dá-se mais estima ao que é mais raro.
«Um dos lustres dos seculos famosos
«Foi sempre o produsir grandes poetas,
«E presaram-n'os sempre os bons monarchas:
«Concebeu Alexandre inveja a Achilles
«Por não ter para si um novo Homero.
«Eia pois, faze tu o que te eu disse:

---

48 Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
Viribus, etc....................

Hor. Epist. ad Pis.

«Dá c'o rapaz na eschola, e no convento;
«E, seja prégador, seja poeta,
«Seja elle o que for; em todo o caso,
«Como tu lhe ensinaste o bom caminho,
«Do mal que elle fizer a culpa é sua:
«Em quanto é tempo, accode-lhe; e não tardes,
«-Porque sempre por via irá direita-
«-Quem do opportuno tempo se aproveita-49
Assim dizendo, deu um ai!... profundo,
E repetiu «Ai!... de *José*, se o deixas.»
Ao doloroso som dos ais magoados
Acordou soçobrado o bom do ourives;
E de repente, posto em pé na casa,
Os olhos esfregando, e mui confuso
Olhando de redor, exclama «E' certo
«Tudo isto que eu sonhei, ou é tontice?...
«Seja, ou não: vai-me pouco em procural-o.
«Mas, em quanto eu por fóra ando á pesquiza,
«Talvez que venha algum freguez á loja,
«E perco uns tantos reis... Embora perca;
«Paciencia, antes isto me succeda
«Do que fique o rapaz por hi perdido.»
Eil-o já surrateiro discorrendo
De magote em magote de gaiatos,

---

49 Cam. Lus. C. 1.º Est 76.ª

E eis já o *heroe José* sobre as orelhas
Sente a pesada mão do tio ourives :
Grita o heroe «A elle companheiros,
«Ou vão-se-me as orelhas c'os diabos.»
Accode a turba lestes ; mas, olhando
Na mao do ourives a bengala erguida,
(Bem como ante o rafeiro arreganhado
A matilha dos gozos ladradores)
Treme, recúa, e pára : o tio puxa,
O heroe redobra com a dor os gritos,
Eis surde um belleguim «Largue o pequeno,
«Ou bato-lhe c'os ossos na enxovia»
Mas elle, sem largar, e mui pacato :
«Tenha lá mao (responde) este brejeiro
«E' meu sobrinho, que fugiu da terra».
«Pois então, carga n'elle»: torna o esbirro,
E vai virando rumo. Finalmente
Já na loja o heroe attento mira
As grandiosas marujaes fivelas,
E outros trastinhos taes, bem pesaroso
De não poder fazer o que fisera,
E melhor fez depois ! Mas se não quando :
«Ande d'ahi, senhor ; venha comigo.»
Diz o tio, e eil-o já n'um algibebe
Ajaesando o heroe de ponto em branco.
«Agora ha-de aprender (diz-lhe á sahida)
«Ha-de aprender, ou hei-de derreal-o :
«Vamos já rebolindo, inda hoje mesmo
«Quero que veja as barbas a seu mestre.»

Tal como o disse, o fez ; e no outro dia
Já *José* caminhava impertigado
Sustendo no sobaco a rica pasta
Que uzam traser os miudos aprendises
Da cartilha efficaz do mestre Ignacio.

CANTO V

Musa, apara-me a penna mais delgado,
Pois tenho de escrever novas proêsas
Do heroe, que, já das letras no caminho,
Para emendar Camões se vai dispondo:
Bem sabes como eu tenho longamente
Revolvido memorias, relatando
Quanto a Fama tem d'elle apregoado,
Té que, tapando pela vez primeira
Com sapatos de vacca os calcanares,
Éxpoz as mãos á rija palmatoria,
Entrando com heroica bisarria
Do ABC no intrincado labyrintho:
Tu pois agora, ó Deosa, me recorda
O mais que hei-de narrar; meu metro aspira,
Dá-me igual canto aos feitos do famoso
Heroe, a quem o Desaforo ajuda;
-Que se espalhe, e que se cante no universo,-

-Se tão grande vilêza cabe em verso.- 50
Passados eram já mais de tres meses
Quando o heroe, cujos testos milagrosos
São d'alta comprehensão, já conhecia
Quasi todas as letras salteadas!
Chega o tempo fatal de ser preciso
De tinteiro e papel o heroe armar-se,
E assentar nas balisas do regrado
Com douta mão a retalhada pluma:
Já no adunco nariz o chôcho mestre
As videntes cangalhas escarrancha,
E, sorvendo a pitada, se encaminha
Para reger do heroe a mão direita;
Mas seu grave mentor o Desaforo,
Em sonóro mosquito transformado,
Trez veses lhe zumbiu pelas orelhas;
E, n'um dedo, não mais, que tem mal pôsto
Dando-lhe uma opportuna ferroada,
O compelliu com arte tão pasmosa
Que assentou logo um traço; e tal, que o mestre
Deu tres passos atraz como espantado,
Olhando a perfeição, que parecia
De antigo escrevedor famigerado!
«Ui! Senhor (diz-lhe o mestre) continue,
«Faça lá outro assim.» Palavras ditas
O heroe, inda co'a dor que era influencia,

50 Imitação de Cam. na Est. 5.ª do C. 1. º da Lus.

Fez segundo, e terceiro, e foi fazendo
Té que o mestre outra vez lhe disse «Basta,
«Basta, que estou pasmado! Quanto podem
«As propensoes que a madre Naturesa
«Influe, como por força de destino!
«Vejam este rapaz, este birbante,
«Duende, Trasgo, Deminicó andante,
«Que, ao vel-o traquinar pela cidade,
«Somente lhe supunha habilidade
«Para andar c'os gaiatos gatunando;
«Vejao este fradinho de sabugo,
«Antonico, e Bernardo na agudesa,
«Bôrra em bochechas, Bento no cachaço,
«Franciscano no brio, e Loyo em tudo, 51
«Que tao pasmoso geito desenvolve
«Para a arte de escrever!»—N'este comenos
O fingido mosquito Desaforo
Segunda vez do heroe mordeu na dextra;
Co'a mordedura o héroe desaforado,
Dando um couce maior do que outra besta,
De repente escreveu... *Camões não presta.*
«Que escreveste, rapaz de mil diabos!
(Grita o mestre, azoado segurando

---

51 Ninguem se escandalise, que a ninguem é minha intenção escandalisar: como poeta aproveito os adágios que podem cravar a sétta no alvo a que endireitei a pontaria.

As videntes cangalhas co'as mãos ambas)
«O que escreveste tu! Pois por ventura
«Tu já lêste Camões, ou tu entendes
«Tudo o que elle escreveu no seu poema?
«De nada d'isso eu sei; porém lembrou-me
(Responde o heroe) lembrou-me esse tal nome,
«E cresceu-me uma certa vontadinha
«De o descompor a torto ou a direito. 52
«O rapaz tem diabo! (scisma o mestre)
«Sem saber escrever, escreve, e logo
«Tal destampo escreveu!... Saiam já todos,
«Nem mais uma lição quero dar hoje;
«Mas tragam-me d'ahi a palmatoria,
«Que quero a este patife dar o premio
«De descompor Camões» Todo enraivado
Jurando que tres dusias lhe cascava,
Já elle sobre o heroe se engalfinhava
Quando batem á porta, e vai entrando
O Desaforo, disfarçado em forma
De um velho funileiro alli visinho;
Homem são, e bem quisto, ainda que era
Sebastianista acérrimo, e mui lido
Em todas as propheticas tontices
Do Preto do Japão, e do Bandarra:
«Cuidei que succedia (diz o velho)

52 E indagora assim é! Bem diz o adagio: O que o berço dá, a cova o tira.

«N'esta casa, visinho, algum desastre!
«Ouvi tão grande argel!...» Eis logo o mestre
Enfadado arrojando a palmatoria,
Responde «O que ha-de ser, se este patife,
«Este alarve, que tudo barafunda,
«Tudo embaralha a ler, tão bronco, e rudo,
«Tão besta como um macho de liteira;
«Este tarélo, que por vez primeira
«Inda hoje começava a fazer riscos,
«Escreveu em caracter mui legivel,
«Sem ninguem o ensinar, *Camões não presta!*
«Isso, visinho, é mais que habilidade,
«Isso é prodigio!» (continúa o velho,
Arqueando de pasmo as sobrancelhas).
«Mas é pouca vergonha (grita o mestre)
«Grande pouca vergonha que um tarélo,
«Sem nem saber qual é a mão direita,
«Se metta a avaliar o que não sabe,
«Nem talvez saberá em toda a vida.
«Pouca vergonha! Pois *Camões não presta?*
«Poder-se-lhe-hão notar alguns defeitos;
«Defeitos isso sim, que elle era homem,
«E ainda de mais a mais foi desgraçado:
«Porém quantas bellesas em desconto
«Nao tem por cada um dos seus defeitos?
«Asseguro de mim, que mais lhe encontro
«Quanto mais o releio, e mais o entendo;
«E azéda-me as entranhas dar-lhe chufas
«Um badaméco em letras enfronhado,

«Havendo-o tantos sabios respeitado.
«Não se espante, visinho, não se espante;
«Que eu, se bem me recordo, e não me engano,
(Interrompe o supposto funileiro)
«Nao sei em qual das minhas prophecias ;
«Porém li—Que virá um bigorrilha,
«Literario Quixote, que enxovalhe,
«Em phrase de peixeira ou de arrieiro,
«Todos os firmes ventorosos crentes
«Na vinda do bom rei que foi a Alcacer :
«E, d'esta só loucura não contente,
«Abocanhando com furor canino
«Os grandes homens das idades todas,
«Emendará Camões.—Irra! visinho,
(Torna o mestre c'o rosto envinagrado,
Upas sobre a cadeira dando irado)
«Olhe bem o que diz ; c'os seus prophetas
«Não me faça ferver mais agra a bilis.
«Irra! Emendar Camões ! Inda não veio
«Quem bem o imitasse, e já espera,
«Quem o possa emendar!...ora, visinho,
«Arrecade essas suas prophecias
«E lembre-se do que hoje prophetiso,
«Eu, que nem preto sou, nem sou Bandarra:
«—Este rapaz ha-de escrever depressa,
«E muito; porém mal, e a trouxe-mouxe :
«De forma que será tão raro achar-se
«Qualquer escripto seu, limpo de asneira,
«Quanto é raro no frigido dezembro

«Abrir o sol um dia que assemelhe
«Aquelles formosissimos que estende
«Quando em abril remoça a Naturesa.
«Lêr, nunca ha-de lêr bem; inda que leia
«Com muita correntêza, e muito affinco:
«A mim aquella cara não me engana :
«Tolos são todos quantos o parecem;
«Elle parece-o, é-o : e embora tenha
«A audacia natural de fallar muito;
«Porque, quem muito falla, pouco acerta,
«Força é que pague os altos devoluto.
«Quem tem quasi cabeça de comarca,
«E de casmurro alvar focinho, ou tromba:
«E' nos homens a cara espelho d'alma :
«Não pode ter nos têstos bom miolo
«Quem tem tanta gordura no cachaço,
«Tanta carne cahida sobre os olhos,
«E tão nédeas bochechas, tão roliças
«Que mais parece um cú do que uma cara.»
Com estas, e outras taes rasões quadrantes
Tiveram por Camões longo argumento
De Sebasticas listras arraiado :
Mas, estendendo as azas tenebrosas,
-Já nisto punha a Noite o usado atalho
-A's mundanas canceiras, porque céve
-Do doce somno os membros trabalhados,
-Os olhos occupando ao ócio dados.- 53

---

53 Cam. Lus. C. 7.º Est. 65.ª

Rindo do frenesi do chôcho mestre,
Desenxameara com tropel saltante
A inquieta—turbulenta—rapasia ;
E entre as mal povoadas taboletas
O heroe, botando a pasto a phantasia,
E o renhido argumento recordando,
Fez comsigo firmissimo protesto
De em redondo—caracter—corriqueiro
Acestar a tremenda artilheria
De chulas phrases, torpes invectivas,
Com que a turba Sebastica arrazasse
Inda mais do que o fica um baluarte
-C'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas!-54
E jurou ao Camões um odio eterno,
Pois que, sem o entender, lhe ia custando
Uma sóva de mestra— palmatoria ;
E para desforrar-se deveria
Dos curucheos da fama derribal-o,
Ou, pelo menos, sem pudor, tental-o ;
Que sem pudor a tudo se abalança
Impio que a dita espera na vingança.
Sempre com más lições, e muito estudo;
Sempre c'o Desaforo ante seus passos ;
E roendo-lhe sempre o fundo d'alma
A caterva infernal, socias malditas
Adulação, Maledicencia, Intriga,

---

54 Cam. Lus. C. 10.° Est. 35.

Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja;
Assim cresceu o heroe até á idade
De entrar para noviço, e foi acceito
Na irmandade Agostinha. Oh! com que gaudio
Angelica, chorando, ouviu a nova
De que tinha o seu filho a c'roa aberta!
Que honras imaginou, e que ventura
Para a sua velhice! mas ai! triste,
Que inda o coração não conhecias
De teu filho *José*! Tu não cuidavas
Que elle te désse o trato de um podengo!
Prepara-te, infeliz; terás em breve
Pela experiencia amargo desengano!
Desventurada *Angelica*, o teu filho
E' da réproba cafila daquelles
-Que refusão o jugo honroso, e brando:- 55
Não lhe esperes emenda, que te illudes;
Ha-de correr seu fado, e o seu castigo
Por suas proprias mãos será cavado.
José por ter entrada na clausura
Não mudou condição, nem pensamentos;
E, no encerro do claustro aperreado,
Ou pelo largo mundo desboccado,
Sempre se condusiu segundo o influxo
De seu grave mentor o Desaforo;
Cumprindo tanto á risca os seus preceitos

55 Cam. Lus. C. 10.° Est. 40.ª

Que o chefe da Graciana Fradaria
Resolveu de enviar o *heroe rapádo*
-A pisar do Mondego a fertil herva :- 56
Do Mondego, onde Apollo, onde Minerva,
Des'que reinou Diniz, haviam feito
Deposito geral dos seus thesouros.
Resolveo de envial-o; mas não tanto
Das sciencias no proveito imaginando,
Quanto por correcção, pois que o fradepio
(Ambulante hospital do mal de Venus)
Com róubos, com sortidas, com zizanias,57
Trasia toda aquella santa casa
Como a areia nos ares revolvida
Pela encontrada furia sibilante
Do soberbo Aquilão,Noto, Austro, e Boreas.
No fertil, magestoso, e pulchro idioma
Do antigo Lácio o heroe se doutrinava:
Já chega a exame a turba escholiasta,
E o *reverendo heroe* por seus estudos
Obteve em premio um reverendo R! 58
Mas nem isto o affligiu, nem fez diff'rença;
Pois visto está que, para ser bom frade

---

56 Cam. Lus. C. 3.° Est. 97.ª

57 Por estas taes e quejandas habilidades foi J. A. remettido, como preso, para o collegio de Coimbra.

58 No latim foi reprovado por fr. Antonio de S. Luiz, como consta do Assento das Matriculas.

Não se precisa ser bom estudante.
Sem saber o latim, eis dão com elle
No labyrintho, e escuridão sagrada
Da melindrosa sciencia Theologia:
Aqui cuidou o heroe fazer mão cheia,
Porque a revelação, e a auctoridade
Lhe davão argumentos que excedessem
Os da Rasão, que elle seguir não sabe:
Mas ai! que o theologão mal estreado
Nem ante estas muralhas acolhido
Poude fazer faxina, e ao nóvo exame
Aguentou na bochecha um R novo! 59
D'entre os Collegiaes nenhum como elle
Responde tão prompto, ou mais affouto;
Mas sendo por ventura perguntado,

---

59 Não ha duvida que foi tambem reprovado em theologia; nem o admittiram a segundo acto, por que no de filosophia (a que foi por empenho) sendo arguido por fr. Francisco de S. Agostinho (por antonomisa o *Botão*) sobre a immutabilidade de Deus, a resposta concludente de J. A. foi «foi padre Manoel de telhas acima só Deus, e os gatos» Isto consta das actas do Collegio da Graça em Coimbra; e eis aqui todos os estudos regulares do sabichão J. A. de Macedo! Tem lido muito; porém o seu entendimento não tem a força necessaria para dar boa digestão ás ideas adquiridas; e mingoado em principios methodicos, pode diser-se, que a sua cabeça é um armasem onde está tudo a monte: a prova são os seus escriptos. J. A. escreve como respondia nas escholas.

A que declinação pertence *oleaster?*
Encaixava uma regra de sintaxe!
Se o caso de Susanna lhe inquirião,
Vinha com Jezabel, ou com Dalila!
Desenganados do nenhum proveito
Que das sciencias na estrada colheria
Este do Desaforo heroe e alumno,
Reenviaram-no em ferias a Lisboa,
D'onde por suas muitas gentilezas
Logo para Leiria o degradaram. 60
Musa do Amor, inspira-me os teus versos,
E conta me, a amorosa choradeira
Que o degradado heroe alli fisera
Por uma exp'rimentada donsellinha,
No convento de Cóz votada a Christo.
A freirinha, raivosa da clausura,
Dava ao démo o convento e a castidade,
Quando entre os concorrentes n'uma grade
Lhe deparou Amor no heroe o amante:
E, mal que elle apontou a vista accesa
Para o lascivo peito palpitante
Da clausurada Láis, logo a mestraça,
Mil graças dando de Lampsaque ao Nume,
Conheceu ter achado o que buscava;
Pois de certos signaes que ella entendia

---

60 Tornando em ferias a Lisboa, foi recluso, e logo degradado para Leiria.

Concluiu que teria o seu fradinho
De um bóde-sementão, ou de um Martinho
A desenvolta-façanhosa-ardencia!
E, com meigo sorriso respondendo
Ao namorado olhar do *heroe matreiro*,
Elle todo enfiou, e ella cobriu-se
De pejo não, mas das vermelhas manchas
Com que usa Venus de tingir as faces
D'aquellas que se dão aos seus praseres.
  Oh! que doces freiraticos colloquios,
Que ternas expressões alambicadas,
Que juras amorosas resoaram
Na primeira que a sóror deu sosinha
Ao seu amante venturosa grade!
Ella, movendo os olhos mal-chorosos,
Onde scintilla o lume do desejo,
Rotos os laços do importuno pejo,
Mil amorosas magoas repetia:
E, a seu vivo transporte abandonada,
O peito nú lhe arfava suspirando,
N'um tremor de praser os ais dobrando!
Elle, c'o activo cheiro da cassoula,
Os olhos revirando, abrindo a bocca,
E os membros contorcendo, parecia
Asinino animal virando o beiço
Quando o fêmeo vapor lhe dá nas ventas!
Quem dizer poderia as magoas de ambos!
Quem poderia expor com proprias tintas
As scenas de furor, e de ternura

Que alli abriu o fervido Appetite!
-De um a negra roupeta a dextra léva
-Erguendo-a,e d'outra as fraldas delicadas;
-Accende-se o desejo, que se céva
-Nas santas carnes com fervor mostradas-:61
A sóror toda em ancias se derrete,
O heroe lamprea o déz, sem largar bóla;
-E em mais que nas bochechas se suspeita
-Que a côr vermelha tinha d'esta feita!- 62
A'quem, e além das grades á porfia
Corriam dous humanos chafarizes...
-Mas o que passam na manhã, e na sésta,
-Que Venus com praseres inflammava,
-Inda quem não quisera exprimentál-o
-Pode com tudo muito bem julgal-o.- 63
Já do heroe, santamente namorado,
Na rapada cabeça não ferviam
Outros cuidados mais do que a freirinha:
Porém qual, vendo os pomos, vendo as agoas,
Multiplica os desejos insoffridos,
E arde Tantalo em vão por saciar-se;
Não de outra sorte o heroe, alem das grades
Vendo tremer os pomos amorosos,

---

61 Imitação de Cam. na Est. 71.ª do C. 9.º da Lus.

62 Imitação de Cam. na Est. 33.ª do C. 5.º da Lus.

63 Imitação de Cam. na Est. 83.ª do C. 9.º da Lus.

E lourejar as messes de Amathunta,
Quanto mais o tocal-os lhe é deféso
Em frenesis de amor mais treme acceso:
Até que de suor todo coberto,
Espesso o sangue, o halito apressado,
Ancioso em peito, em membro derengado,
Da freira aos meigos ais seus ais prendendo,
Com mesta languidez se recostava
Na cadeira; de longe nada estranha
A scenas taes, como esta que passava.
Quantas artes Amor, que audacia inspira
Dos seus heroes no coração, na mente!
E que estrondos, que pasmos cuida e tenta,
De amor eivada, uma cabeça heroica!
A cêrca do convento tinha uns muros
Que punham medo ás pernas mais valentes;
E, guardando a hortaliça das donzellas,
Sem corrente, nem trella, nem açamo,
Andava toda a noite fariscando
Um vigilante, rábido rafeiro,
Tão grande, tão feróz, tão indomavel,
Que, se fosse trilingue, era um Cerbéro!
Momentaneo silencio que succede
A's fadigas de amor, sublime emprega
O heroe, altas ideas revolvendo:
-E, com novo vigor espairecido,- 64

---

64 Verso de Filinto Elysio, Tom. 8.

Começando no rosto a affoguear-se,
Limpava o suor, que em bagas lhe corria,
Quando abriu elegante estas palavras :
«Isto não pode ser : eu arrebento
«Com frenesis, com ancias, com desejos !
«Quero entrar pela cerca em alta noite ;
«Quero chegar-te bem, quero hir-te á cella...
«—Oh ! quem déra ! (responde-lhe a freirinha)
«Mas os muros, e o cão, que é tão raivoso ?—
«—Eu sinto um fogo em mim que me devora
«(Insta o heroe) eu ardo, eu desespero :
«Para me unir comtigo nada temo ;
«Os muros saltarei como uma péla
«E matarei o cão.—Mas o caseiro,
(Disse a sóror ; dizendo, e suspirando)
«Mas o caseiro ha-de accudir, e pode
«Estender o cajado, e derrear-te.»
Aqui ficou o heroe embatucado !
Mas logo seu mentor o Desaforo
Lhe suggeriu remedio ; e, mui risonho
Encostando-se á grade, assim prosegue :
«Se o caseiro accodir ao reboliço
«Tu podes serenar a tempestade ;
«E, se o respeito não domar o bruto,
«Arranja-te com elle de algum modo,
«E faze-lhe as promessas que quiseres.
-Meio caminho a noite tiuha andado,
-E as estrellas no ceo co'a luz alhea

-Tinham o largo mundo allumiado,- 65
Quando o heroe cavalgou da cerca os muros
Com tanta intrepidez, tanto denôdo
Como o fez Alexandre em Babylonia!
Mas o maldito cão, que vela irado
Nem que tivera Satanaz na pelle,
Vendo o ladrão dos muros pendurado,
Descido apenas, investiu com elle.
O heroe, que, como heroe, já por cautella
Levava as fortes mãos ambas armadas,
E as doutas algibeiras petrechadas
Da brejeiral-seixosa-artilheria,
Seu antigo exercicio renovando,
Começou gentilmente a fazer fogo;
E seu mentor, os tiros dirigindo,
De um golpe, com que zúne o ar vibrado,
Estirado no chão deixou latindo
O féro cansarrão esquadrilhado.
O animal offendido, e furioso
Tanto, e tanto latiu, que aos longos echos
Accodio o caseiro; e, se a freirinha
A correr, e a gritar o não previne,
O heroe mamava uma cruel lombada!
Mas, ao santo clamor estremecido
Da desvelada sóror, o caseiro
D'espantado ficou como tolhido!

---

65 Cam. Lus. C. 2,° Est. 60.ª

E o heroe, mal que viu a freira em campo,
Largou armas prudente, e mui ligeiro
Ao caminho da cella metteu pernas,
Deixando-a pela forma contractada
Para domar o bruto com promessas.
Largos dias o heroe encovilado
Medicou com freiraticos carinhos
Dos desejos o mal, de amor as febres:
-Porém ah! que o pezar terá firmeza,
-Mas o bem logo muda a naturesa!- 66
E, fosse que o caseiro, descontente
Das promessas da freira mal cumpridas,
Divulgasse a nocturna cavalgada;
Ou fosse que a Fortuna, descuidada
Da protecção do heroe, n'alguma noite
O exposesse a alguns olhos espreiteiros,
Certo é que á bocca cheia se dizia:
«*Frei José Agostinho de Macedo*
«Quasi todas as noites pela cerca
«Se vai metter na cella de uma freira»
E foi tanto o rumor que finalmente
Tomou cautella a Madre Prioresa;
E o Padre Provincial muito iracundo.
-Vendo estas namoradas estranhesas,- 67
Enviou rapidamente para Braga,

66 Cam. Lus. C. 5.° Est. 80.ª
67 Cam. Lus. C. 3.° Est. 122.ª

Como em novo desterro, o *heroe saltante,*
De manchada vestal *rapado Adonis.*
Sobre as azas dos Euros procellosos
Dos horridos trovões ao som trasida,
Pluviosa cerração, que tolda os astros,
Não desce sobre os mares tão medonha
O coração dos nautas abafando,
Como esta com que Amor, por vez primeira,
Forçosa ausencia o heroe atormentava!
Em mais de trinta legoas de jornada
Não teve trinta instantes de socego,
Que a saudade, e o furor, lhe affogentavam
Os praseres de dia, á noite o somno;
E a cada voz que ouvia já cuidava
Ouvir a sua freira que o chamava!
Terrivel illusão! A coutadinha
Tambem se dava a perros, derramando
De ternissimas lagrimas um rio,
Sem saber com quem tape, ou como, ou quando
O vão que *Frei José* deixou vasio!
Tudo elle cuida, e não lhe vê remedio!
Arde, gela, estremece, e desespera,
E unicamente a ideia o allivia
De achar em Braga o que lhe deu Leiria.
Chega emfim ao logar do seu destino,
E, mudo como um tronco, apenas solta
De quando em quando uns intimos suspiros
Amargos filhos da custosa ausencia!
Não achando rasões, maneira, ou modo

De alliviar-lhe a pallida carranca,
Deixam-no só: veloz o tempo voa,
E elle, todo embebido em seus cuidados,
Sem comer, nem dormir, recorda ancioso
-Doces lembranças da passada gloria :- 68
Té que, ouvindo cahir a meia noite,
Solta um agudo grito, com que todos
Quebram os frades o pesado somno
Com que estendidos santamente roncam;
E depois, a gemer, dest'arte exclama:
«Oh! triste meia-noite, tão diff'rente
«D'aquellas que eu já tive! Que destino,
«Inimigo dos homens de talento,
«Te affugentóu de mim, ditoso tempo?...
«Começava ind'agora na carreira
«De me fazer famoso, e Amor me abria
«Os meatos do cerebro estupendo,
«Onde devem ferver-me as sciencias todas!
«Os praseres do corpo alentam a alma:
«Agora aperreado, e consumido
«Terei de recuar meus vastos planos;
«Nem talvez poderei, como quisera,
«*Pôr do velho Camões a calva á mostra*;
«Nem malhar nos Sebasticos devotos;
«Nem firmar-me no mundo literario
«Assim como no estreito de Messina

68 Cam. (mihi) Soneto 18.

«Latrante Scylla, que ameaça horrenda
«Em seus latidos misero naufragio.
Cançado de luctar n'estas ideas,
-Os olhos lhe occupou o somno acceito:- 69
Eis sáe de se banhar no Phlegethonte
O Desaforo; e, abrindo as negras azas,
Orvalha sobre o heróe as igneas agoas
Do flammifero rio temeroso!
Com o orvalho infernal espairecido
O heroe acorda alegre, e vigoroso:
E' outro homem já; já não o opprime
Descahida tristesa; enthusiasmado
Affrôxa a redea aos férvidos desejos;
E, grão carneiro de humanas ovelhas,
Fez tal estragação no femeaço
Que não consta na velha, ou nova idade,
Igual façanha de sultão, nem frade!
Mas (o premio injusto de proesas tantas!)
Ordem fatal, por brutas mãos cumprida,
Sobre os heroicos pés mandou lançar-lhe
Pesados ferros, que por longo tempo
Cruel lembrança nos vergões deixaram!
Podre parelha d'estafado passo
Vai rodando a caleça chocalheira,
E o encolhido heroe de cabisbaixo
Observa os que o rodeam vigilantes

---

69 Cam. Lus. C. 4.° Est. 69.ª

Airosos beleguins empavesados,
Que muito honrosamente o acompanharam
Desde *Brachara Augusta* até Lisboa. 71

---

70 Realmente, a prostituição a que J. A. redusiu uma freira de Cóz, foi, além de outros, o motivo do seu degredo para Braga; d'onde é mui verdade que por seus bons feitios veio de machos aos pés, fechado em uma sege, e cercado de esbirros até Lisboa.

CANTO VI

-Sempre por meio d'horridos perigos,
-E de trabalhos graves, e temores
-Alcanção os que são da fama amigos
-As honras immortaes, e os graus maiores-[71]
E a Prenestina-Deosa tresloucada,
Que a bem do heroe c'o Desaforo havia
Da antiga alliança renovado os laços,
Posto que cegamente o protegia,
Deixava-o recair n'estes fracassos
Por fazer inda mais soar seu nome.
Pallido o rosto, e os olhos encovados
Apenas que chegou o *heroe Macedo*
Foi quasi da caléça em direitura
Para um profundo carcere lançado, [72]

---

71 Cam. Lus. C. 6.º Est. 95.ª

72 Foi-lhe rasgado o habito em plena communidade, e logo o encarceraram.

Ao mundo inteiro, e á luz do sol vedado;
E onde só, em tocando ao refeitorio,
Vinha um Leigo servir-lhe de má mente
A mesquinha raçao taxada, e parca
De mal-guizada, misera iguaria!
Mas, quando mais ao vivo em certo dia
N'alma o feria a magoa do castigo,
Leigo nos trajes, e nos gestos Leigo,
Em ar mui compassivo, o Desaforo,
Depois de o consolar, e encher d'esp'ranças
Ao mais dito ajuntou este conselho:
«Se Vossa Reverencia muito douta,
«Como é já bem sabido, tem talentos
«Para abysmar o mundo em poesia,
«Agora, que está'qui tanto á preguiça,
«Porque não ha-de aproveitar o tempo
«Emendando os notorios destemperos
«De Luiz de Camões, *poeta torto,*
«*E todo até o embigo, e os baixos prósa*; 73
«Que fez o Adamastor desmesurado,
«E outras sandices taes, que lhe ganharam
«De grão poeta sem justiça o nome?
«Emende-o, e ver-se-ha subir na fama,

---

73 Palavras formaes dos Solilóquios de J. A, por que as roubou do Hospital das Letras do nosso eruditissimo D. Francisco Manoel de Mello, o qual as applicou diversamente.

«Como um poeta epico chapado,
«Tendo a gloria de dar á Lusa terra
«Nao sómente a doutrina, mas o exemplo
«De uma obra perfeita e acabada;
«E abrir os olhos bem a alguns basbaques
«Que o Camoes como oraculo veneram.
«O arrojo é grande, mas a empresa é nobre,
«E a gloria nao provém de acções vulgares:
«Fite sobre ella as miras do desejo;
«Para encovar Camões deite-se aos mares,
«E cante em modo que envergonhe o Tejo.
«Cante, cante, meu Padre encarcerado;
«Masse o Camões, que é *Cysne derrabado*.74
«Se quer tinta, e papel, eu trago tudo.»
Co'as fumaças da gloria empantufado,
No proposto do Leigo o heroe consente;
E, com phrase empollada, em pobre rythma,
E as epicas feições arrevezadas,
Eil-o com pluma impávida estirando
O domador do tumido Oceano. 75
E aqui lhe foi proveito o amor da freira,

74 Assim o chama J. A. em seus Solilóquios, onde tudo é igualmente judicioso.

75 Primeiro verso do chamado *Poema Gama* de J. A. e tão tumido como as suas bochechas: é por isso contra a regra da simplicidade na exposição, praticada por todos os bons poetas; porém J. A. não é d'esses.

E o caso atroz da deplorada auzencia,
Com cujas saudosissimas lembranças
Concebeu o ternissimo episodio
Da sua infausta Ignez, que tão mocinha, 76
Por amor de um bargante embarcadiço.
Despenhada do pico de um rochedo,
Teve o bom gosto de dar pasto aos peixes;
Qual por Phaon se mergulhára outr'ora
Louca de amor de Lesbos a cantora!
Já por mar largo navegava o Gama, 77
E o heroe cantador ao navegante
Mais alto que o Camões noventa braças
Tentava sobre a Fama encavalgal-o:
Bem era dentro n'alma persuadido
De que lhe fallecia a força idonea

---

76 Esta Ignez de J. A era uma guapa mocetona, amante de um dos aventureiros do descobrimento da India; e, vendo que elle lhe abalava, foi-se por sobre um penedo, declamando mui doutora, com muitas furias, imprecações, e amores alambicados, e delambidos, e atirou comsigo ao mar, e foi-se. Porque? Porque morreu: mas, apesar de ser boa moça, e morrer desastrozamente, provoca tanto a riso, quanto a Ignez de Camões excita ao pranto.

77 A relamboria Ignez mergulhou-se no fim do 2.º Canto, e é quando J. A. poz o Gama fóra da barra de Lisboa; querendo, como *gravissimo poeta*, guardar proporção entre a longura da viagem cantada e os preparativos da apojadura cantante.

Para aos hombros tomar tão grave empreza;
Bem lhe accusava a inquieta consciencia
(Mudo censor a que ninguem se escusa!)
Que elle era no saber, e nos talentos
Tão menor de Camões, tanto nas forças
É menos do que um boi uma formiga:
Mas as socias fieis do Desaforo
Adulação, Maledicencia, Intriga,
Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja,
Laborando-lhe sempre no bestunto,
Varriam-lhe o temor pelo dezejo
De fazer o seu nome bem fallado;
Embora o fosse com geral despreso,
Embora a maldição fosse o seu fado:
E ás vezes que o receio lhe affrouxava
O indiscreto correr da leve pluma,
Logo ellas porfiando lhe bradavam:
«-Ó Padre, d'escrevente fortalesa,
«-Da derminação que tens tomada
«-Não tornes para traz, pois é fraquesa
«-Desistir-se da cousa começada.-» 78
E o Padre c'o conselho perigoso,
Que as bôlhas da philaucia lhe empollava,
Alentando a Gami-epica-mania,
Em sentenças mui vão, mas mui verbôso,
Sesquipedal, monótono entoava

78 Cam. Lus. C. 1.º Est. 40.ª

Puxadas trinta oitavas cada dia!
Passava um dia, uma semana, e outra,
E o Prelado insistindo em tel-o preso:
Em vao busca amparal-o alta Columna
A quem delegou Pedro a piedade;
Contra ella, para exemplo dos culpados,
As justiçosas leis appella o Claustro. [79]
Geme encerrado o heroe fazendo oitavas;
E, ardendo em comichao escrevedora,
Tinha, dado á munheca tao ligeiro
Que,em sons rouquenhos d'epica bandurria
Nesciamente narrada a grão viagem,
Com merito nenhum, trabalho pouco [80]
Já tinha em Calecut surgido o Gama.
Soberbo co'as oitavas que abortára
Pula em todos os pés o *heroe cantante*,
Mais que nunca no carcere insoffrido
C'o desejo de andar no mundo ás soltas

---

79 O Nuncio quiz valer-lhe; mas os padres obstaram, interpondo recurso á Coroa, e ultimamente o abandonaram á justiça secular.

80 Com merito nenhum, trabalho pouco—porque o Infante D. Henrique, descido do ceo em socorro do Gama, lhe ordenou toda a derrota, e lhe predisse o bom exito da viagem: e d'este modo fez J A. nullo o caracter do Gama, que nada intentou por si, e que com taes certificados bem podia dormir descançado, e a somno solto, como parece que dormiu pelas muitas vezes que sonhou no tal poema!

Seus cascaveis poeticos tinindo
Nos mui raros ouvidos que aturassem
A insoffrivel leitura de seus cantos:
Cantos no horror de um carcere paridos,
E á tréva maternal tão parecidos! 81
Ó Socia valedora em meus trabalhos,
Que tantas vezes com teu animo adoças;
Ó Deosa que me dás as settas de ouro
Com que, ferindo no alvo da virtude,
Lhe multiplico o resplendor da gloria;
E que me dás o raio, as plumbeas settas
Com que, dos montes da insolencia, abysmo
No ludibrio os phantasmas da Ignorancia!
Não desfalleças, festival Camena:
Repinica-me os delphicos adufes,
E entôa com desgarre, e desempeno
Uns tão lepidos versos, tão facetos
Que ao vivo exprimam o risivel modo
Com que o heroe se evadiu do captiveiro:
Dirás depois os nobres exercicios,
E os mais pasmosos feitos que fisera

---

81 Que J. A. zangarreou o Gama estando no carcere, elle proprio o confessa no C. 10.° quando diz

Privado d'alma luz doce, e serena,
Entre ferros a vida atormentada,
Foi meu alento divina! Poesia
Como a Boecio o foi Filosofia.

Até que da fradesca impertinencia
Por Decreto Real se viu liberto.
Estava elle uma tarde mui calmosa
De costas sobre a barra, como outr'ora
Costumava estirar-se o grão Martinho;
Com o habito singello sobre os couros,
E esse mesmo abanando arregaçado;
Venus todos seus membros inflammava,
Era todo elle na quentura um forno;
E, a turva phantasia rescaldada
De amorosas ideas enleando,
Nas futuras conquistas cogitando
As vindouras batalhas guerreava!
Mas vendo o Desaforo o tempo idoneo
De elle dever despir fradescos trajos,
Deu-lhe um violento assopro na cabeça,
Deu-lhe outro no vasio «Ai! ai! que dores!»
Grita o heroe todo elle resolvido;
Dóe-lhe a barriga, e fervem-lhe os miólos
Em um feliz tropel de alicantinas,
Todas co' mui louvavel pensamento
De se escapar do carcere, espalhando
Pelo espaçoso mundo os seus feitios:
«Eu necessito de tres cousas uma,
(Disse comsigo o heroe barafustando)
«Seducção, ou prisão, ou morte ao Leigo:
«Mas, para o sedusir falta o dinheiro,
«Ariete que força as portas todas:
«Para o matar, ha risco de accodirem;

«E, posto que as theologas pessoas
«Não possam ser na forca penduradas, 82
«Ainda que o mereçam mais que muitas
«Que lá vão pernear, sempre me exponho
«A ver-me em mais masmorra, e mais aperto
«Onde talvez nem tenha o desafogo
«De arrebeçar meus epicos embrulhos.
«Se eu podesse prendel-o era uma mina!
«Se eu podesse... mas tá, que dei na fina:
«Tomára-o já pilhar.» Neste comenos
O Leigaça na forma do costume,
Dos feijões a tigella lhe trasia:
Mal que o sente as sapatas arrastando,
Como um touro no curro, o heroe começa
A urrar, gritando c'uma dôr fingida:

---

82 Reinando o nosso D. Pedro primeiro, um clerigo pensadamente matou um pobre pedreiro; e, sendo o matador (segundo a usual piedade do clero) pelo theor da sentença meramente inhibido de exercer os ministerios sagrados, o Rei occultamente ordenou a um filho do tal pedreiro, que matasse o matador de seu pae; o que feito, logo o moço pedreiro foi prêso, e senteneeado a pena ultima: então o Rei «Eu quero justiça igual: (disse) o pedreiro, assim como o clerigo deve ser privado do exercicio das suas funcções» e assim o deu solto, e livre com uma pensão bastante para sua sustentação. Bom seria que houvesse mais Reis Pedros; e bem era que quem tivesse as mãos profanas, não tivesse o pescoço sagrado.

Apressa o Leigo o passo, e entra espantado:

LEIGO

«Padre Mestre, o que tem?»

MACEDO

«Ai! ai! que morro:
«Eu não resisto á dor.»

LEIGO

«É na barriga?»

MACEDO

«É na barriga, sim: ai! que arrebento.»

LEIGO

«Diga o que quer tomar?»

MACEDO

«Quero o bispote,
«Dê-m'o cá já depressa.»

LEIGO

«Onde está elle?»

MACEDO

«Aqui, aqui debaixo: ai! minhas tripas!»
Em taes ditos, e pressas soçobrado
O Leigo ora vereis pôsto em giôlhos, 83
De meio corpo acima já mettido
Por debaixo da barra, procurando
O pedido urinol... Tempo opportuno
Para qualquer das suas traficancias
Nunca este heroe perdeu: mal viu que o Leigo
Nao poderia levemente erguer-se,
Salta da cama, sae-se da masmorra,
Fecha a porta traz-si, dá volta á chave,
Deixa o Leigo encerrado, e mette pernas,
Com tanta rapidez nos calcanhares
Como em campina rasa, estrada aberta

---

83 Quem não quizer ler *óra* por agora, nem *giolhos* por joelhos por ser drógas da antigualha, lea

Vereis agora o Leigo de joelhos

e, repetindo um e outro verso, conhecerá quão pouco basta muitas vezes para melhorar a euphonia metrica.

Uma lebre dos galgos acoçada;
Ou como, c'o funil atado ao rabo,
De orelhas baixas, e ganindo um gôzo
Foge da grita de folgões brejeiros;
Até que ancioso, tremulo, esbofado
Fez alto, olhando em roda a tomar folgo
De Santa Clara no vistóso campo.
A vida dos heroes sempre se tece
De arrevesados lances: como o adorno
Que elle melhor levava, era nos hombros
Um cobertor de pápa mui çurrado!
E um lenço pelas frontes amarrado,
Para tapar a c'roa; a rapazia
Começou de apupal-o como doudo;
E, jogando-lhe á torre-do-piolho,
De algum malhão talvez lh'a derribassem,
Se os lacaios de um Grande o não levassem
Acolhido á decencia de um palheiro. 84
Farto de palha, e de temor cortido,
O acobertado heroe a cada instante
Cuida escutar os frades c'os esbirros
Clamando «E' elle, botem-lhe os anginhos,
«Que um carcere perpetuo o está chamando»

---

84 Dizem que J. A, quiz matar o Leigo carcereiro; e ultimamente fechou-o, e fugiu, como digo, até ao campo de S. Clara, onde o recolheram os lacaios do Marquez do Lavradio.

Mas eis que um macho lhe recorda orneando
Os sons que taes e quaes garganteava
O seu burro em Cacilhas predilecto;
Oh ! de que affectos a alma se lhe enlêa !
Não foi de Midas ao orelhudo ouvido
Do capri-pede Pan na gaita aguda
Mais grata n'outro tempo a tangedella !
Momentaneas gosou ideaes delicias;
Mas logo sobre o peito palpitante
A tromba amazorrado descahindo,
Cruzando as mãos, e os hombros encolhendo
Arrancou dous suspiros de piedade
Por sua burrical, brejeira vida,
Como os Judeus outr'ora no deserto
Dos Pharaós o jugo suspiraram :
«Oh ! quem me déra (discorreu gemendo)
«Quem me déra, de burros Presidente,
« Ver-me outra vez senhor de trinta albardas!
«Que antes ser burriqueiro venturoso,
«Que ser frade, ser sabio, e desditoso.»
N'estas nobres ideas embebido,
Ergueu-se a ver se o macho em formusura
Igualava tambem o seu burrinho;
Achou porém que apenas lampejava
Com tibia luz a sordida lanterna :
Vai a atiçal-a... eis salta na griseta,
Do tamanho da luz que nella ardia,
Um Negrinho; e ligeiro atiça, e volta,
E sabe, e cresce! O heroe de assombro cheio

Não falla. nem se move, e a força toda
Dos mais sentidos no da vista apura:
Sabia bem (pois já n'aquelle tempo
De muito poucas cousas nao sabia!)
Sabia bem que ha Trasgos, que ha Duendes
(Em mui redonda letra acreditados
Por malignos ministros do Carocho)
E um trasgo presumiu o tal Negrinho;
Porém elle cresceu, cresceu, e fez-se
Tamanho Negralhão que topetava
C'o revolto cabello pelos tectos!
Da cabeça nos hombros lhe descia
Derrubado chápeo que lh'os cobria;
Vermelha cinta o ventre lhe apertava;
E, compassadamente repicando
Os roucos sons de bestial chocalho,
Saccodiu dous estouros de um vergalho,
E ao terceiro, cingindo-o nas costellas
Do estremecido heroe, largou-lhe os trastes
E desappareceu disendo-lhe—Arre.
Não sabia o heroe qual era o Nume
Que lhe fasia o dom; mas, recordando
As visões, e os influxos portentosos
Com que já tanta vez sahiu de apertos,
Não duvidou que o Negralhão seria
O genio tutelar que o defendia;
E vendo nos aprestos claro indicio
Do arrieiral convite, resolveu-se:
Armado como o Negro, e muito airoso

O socio cobertor montando ás costas,
E os braços a remar, e a passos largos
Eil-o arripia o cognito caminho;
Eil-o vai do frugi-fero Alem-Tejo
Pela pulverulenta estrada estuosa
Correr parelho a arrieiral mestrança;
Arte mui comesinha aos seus talentos,
E em que houvera talvez de ter bons lucros,
Se o sestro de furtar-lh'os não agoasse.

CANTO VII

Desde que o mundo é mundo houveram sempre
Para os grandes heroes prodigios grandes.
Ia o terceiro sol subindo a pino
Depois que, muito lesto chouteando
Ao som teimoso do chocalho andante,
O disfarçado heroe todo garrido
No Além-Tejo campava já famoso
De bestiaes partidas commandante:
O Além-Tejo no ardor, e nas arêas
Imita os climas aridos da Lybia,
Pela torrida zona effervescidos:
Tangendo mais de um macho, que gemia
Com carga de arriscado contrabando,
Que a um certo Doutor Mendes pertencia,
Apertou-lhe o calor: perto da estrada
Ruinoso resto de um palacio antigo
Nos rotos tectos off'recia abrigo
Contra as settas do Phebo igni-spirante;
Alli pousavam aves agoureiras
Qne aborrecem a luz, e as trevas amam;
E acoutavam-se alli alguns d'aquelles

Homens que velão quando os outros dormem
Não a indagar das sciencias o thesouro,
Contemplar em silencio Natureza,
E dar ao bem geral vigilias suas;
Mas para despojar, talvez matando,
Quem gosa em santa paz os bens havidos.
Ou quem, para os haver, trabalha, e cança!
Para alli o heroe curvado avança,
Puxando a récua d'arreata aos hombros;
E, o trem condicionando entre paredes,
Buscou onde melhor, mais ao comprido,
Quamanhos são, os ossos estirasse:
Foi dar n'um quarto, qne, intermedio aos outros,
Só recebia a luz que lhe emprestavam;
Tropeçou, e cahiu: c'o estrondo erguidos
Morcegos, mochos, noitibós, corujas
Eis-lhe por-de-redor piando esvoaçam;
Açoutam-lhe co'as azas as bochechas,
Que desde então, ardidas, lhe ficaram
Vermelhas como um par de betarravas; 85
Ferram-lhe uma picada pela esquerda
Na cavidade entre o nariz, e a face,
E alli se lhe gerou torpe verruga
Que ind'agora o carão lhe recommenda. 86

---

85 J. A. traz sempre a cara, não córada, porém affogueada.

86 Tem-na pelo tamanho de um grão de milho.

Atordoado o heroe, fugiu clamando:
«Maldito sejas tu, e o contrabando,
«Maldito sejas sempre, ó doutor Mendes;
«Tu és a causa d'esta corrióla,
«Porém eu te protesto odio, e vingança.»
Como o Diabo outr'ora na serpente
Para fazer cahir nossa mãe Eva,
Assim o Desaforo, e as Socias suas
No corpo d'estas aves se infundiram
Para enraivar o heroe: d'aqui vieram
Todas as insolentes parvoices
Chusmadas na galé dos seus folhetos
Contra o auctor de *Mendes*, que ind'agora
Amuada Thalia em Lysia chora. 87
Seu heroico andamento, e seus progressos
Seguia longamente o Desaforo;
E uma das muitas aziagas horas
Em que ia mui de tromba, e mui chofrado,
Porque o pilharam n'uma ladroeira;

---

87 Antonio Xavier, desgraçadamente para o Theatro Comico Portugez, fallecido na flor da idade: foi elle auctor de uma farça (além de outras) intitulada —Manuel Mendes—obra excellente n'aquelle genero e de varias comedias, as quaes, não obstante alguns defeitos, attestão por suas bellesas os muitos talentos de seu auctor: J. A. de todas disse mal, e tudo abócanha nos diversos, e indignissimos folhetos em que tem babado as raivas de seu nescio orgulho.

Com um longo bordão, barbas crescidas,
Ruço chapeo, e capa remendada
(Como usão caminhar os já mestraços
N'arte chorôna de pedir por portas)
A passos muito graves caminhando
Com mui sisudo gesto se apresenta,
Praticando ao heroe d'esta maneira:
«De que vai triste, Irmão? Não se esmoreça:
«Muito vergam trabalhos; mas ás vezes,
«Quando mais a Desgraça nos persegue,
«Então mostra a Fortuna os seus poderes;
«E prisões, nem degredos, nem fugidas
«Não podem aterrar a quem de longe
«Tem seu animo posto a cousas grandes.»
Com esta introducção o heroe pasmado
Logo creu que n'aquella capa parda
Mui grave personagem se encobria!
Mas bem como um rapaz (inda que o caso
Succede muita vez com gente grande)
Sabendo por ventura algum segredo,
Pungido do desejo de contal-o,
E retido por medo de uma sóva,
Vai a querer fallar, e balbucia,
Chega-se agora, e logo se desvia,
Lança os olhos d'esguelha, ri-se e rosna,
Dá mil voltas sem tino, e ancioso arqueja;
Por arte similhante o heroe banzando
O que diga não sabe, ou que resolva:
Notando seu soçôbro, o Desaforo

Assim prosegue «Irmão, não se azaranze;
«Arréde os sustos de enfuscado enleio,
«E confie-se em mim, que o amo a-peito:
«Não lhe digo quem sou, nem é preciso;
«Mas digo-lhe que Vossa Reverencia
«Não tomou bom mistér no de arrieiro,
«E que eu posso accodir-lhe em seus trabalhos
«Se quiser acceitar os meus conselhos.
«Seus incommodos tem, mas tem proveitos
«A sempre ociósa vida de um mendigo;
«Encolhido no manto da pobresa,
«Só capa alcança o que lhe fôra p'rigo
«Se o litigasse ao brilho da affoutesa.
«Por tanto, mude traje, e tome tento,
«Siga meu norte, e ganhará fortuna.»
O heroe, que vê seus feitos já sabidos,
Téme de estimular o conselheiro;
E, volvendo mil cousas no sentido,
Assim responde «Eu estarei por tudo;
«Mas o que hei-de eu fazer? Por toda a vida
«Andarei n'esse cáhos de remendos
«Desconhecido á Fama, ignoto ao Mundo?
«Eu tinha projectado fazer bulha
«Entre os homens de letras, escrevendo
«Mais obras do que dá um bode espirros,
«Posto que cada uma das taes obras
«Não valha mais que o espirrar de um bode.»
Qual cão goloso d'entre os dentes d'outro
Safa, rosnando, o osso engordurado,

Tal, nos beiços tomando-lhe a palavra,
Inda apenas o heroe—bode—dizia;
«Tudo isso eu sei (o atalha o Desaforo)
«E tudo assim será: mas, porque tenha
«O seu devido effeito esse desejo,
«Mude de traje, venha até Lisboa,
«E terá no convento dos Paulistas
«Por minha intervenção bom gazalhado 88
«Não se envergonhe de vestir farrapos:
«Vergonha é um phantasma, que se enxota
«Por qualquer precisão: a vida humana
«É toda sustentada pela industria;
«Quem industria não tem, não tem juiso;
«E o juiso é moldar-se ás circumstancias,
«E, de qualquer que vem, tirar proveito.
«Com Séneca pregar, ser Sybarita;
«Ostentar de Catão, e ser Sejano;
«Curcio louvar, seguindo Coriolano;
«Dar mostras de ser Tito, e ser um Nero;
«E de Numa affectar sendo um Mezencio,
«Eis aqui cinco illustres mandamentos,
«Eis aqui o segredo milagroso,
«Se não de ser feliz, de ser famoso.»

---

88 J. A. depois que fugiu do carcere, andou de arrieiro na estrada do Além-Tejo; voltou a Lisboa disfarçado em trajes de mendigo, e esteve homiziado no convento dos Paulistas.

N'estes, e taes conselhos embebido,
Já de bom grado o heroe todo se arrêa
De vestes mendicantes, e caminha
Com o irmão Desaforo, praticando
Sobre as suas passadas aventuras,
Sobre as que mais teria, e mais que tudo
Sobre o *poema Gama*, obra que teve
Do socio-Desaforo inteiro applauso;
Com balofas sentenças Aristarchas
Notando largamente os disparates
Que o Camões produsio no seu poema,
Na divina Lusiada, ha tres seculos
Admirada, relida, e decorada
Geralmente por doutos, e não doutos;
Que as aureas explosões do altivo engenho
Ferem até nos olhos da Ignorancia!
E as taes observações, e mil diversas
D'igual jaez, e cunho venerando,
Tanto o heroe as tomou, sem perder péla,
Que assim as tem lançado em seus canhenhos.
Mas já na portaria dos Paulistas
Os dous falsos mendigos, mui sisudos,
Esperam a caldenta caridade;
E, porque o Desaforo hia ageitado
Ao modo de um mendigo com quem tinha
Devoção um dos Leigos do convento,
Em louvor do seu santo lhe pedia
Que désse áquelle irmão n'aquella noite
Occulto gazalhado, e ao outro dia

De todo o caso elle a razão daria.
Agazalhado o heroe, seguro, e farto
Dormiu, sem lhe importar que o mar roncasse
-Porém tanto que lasso se adormece
-Morpheo em varias formas lhe apparece: 89
-Aqui se lhe apresenta que subia- 90
Para uma mui formosa livraria;
E logo vê na loja de um livreiro
Um mulato, que vende certos livros,
E que volta a entregar-lhe o seu producto:
Estendendo-se ancioso a recebel-o,
Quebra os laços do somno, e fica parvo
Não vendo livraria, nem dinheiro!
-Cuida que não é mais que sonho usado,
-Torna a dormir quieto, e socegado;- 91
Mas outra vez os sonhos lhe afiguram
O mesmo tudo, e d'igual modo accorda!
Aborrece-se, emenda a cabeceira,
E torna a adormecer; e ainda torna,
Por vez terceira, a succeder-lhe o mesmo!
Então ergue-se, pensa, e acredita
Que ha mysterio no sonho; e n'esta idêa
Sabiamente, a seu modo, discorrendo
Tanto se envolve alfim que perde o somno,

---

89 Cam. Lus. C. 4.º Est. 68.ª
90 Cam. Lus. C. 4.º Est. 69.ª
91 Cam. Lus. C. 8.º Est. 68.ª

Nem se enganou o heroe, nem crêo de leve
Que fôra o sonho seu mysterioso :
Para os heroes os sonhos são preludios ;
D'est'arte o Desaforo lhe influia
O que alli mesmo practicar devia.
-Rompendo pelo Ceo a mãe formosa
-De Memonio, suave, e deleitosa,- 92
Eis vem ter o Mendigo verdadeiro
Com o Leigo esmolêr, que em continente
Ao seu cuidado-irmão vai condusil-o ;
E oh ! que jocosa scena alli se rompe !
Pede o Leigo a razão do caso todo ;
Relata o heroe mil cousas, recordando
Quanto passou c'o socio Desaforo ;
E o Mendigo, escutando estupefacto
O verboso aranzel de acções não suas,
Nega a final ter sido companheiro
D'aquelle gordo grulha, ou ter sabido
Das cousas que dizia, e muito menos
Das mais de que a razão lhe pede o Leigo !
O heroe de tal resposta estimulado,
-Um pouco carregando-se no vulto,
-Dando mostra de grandes sentimentos.-93
O bordão mendicante ergueo raivoso ;
E, indo a descarregar, achou d'encontro

---

92 Cam. Lus. C. 9.° Est. 51.ª
93 Cam. Lus. C. 6.° Est. 26.ª

O outro bordão rival: accode o Leigo,
Para dar, e tomar razões sobejão,
E rompem todos tres n'uma algazarra
Que nem que os investisse um cão damnado!
Eis aqui por quaes artes não cuidadas
A Fortuna protege os seus mimosos!
Foi ella que enviou n'este entre mentes
Áquelle sitio um padre do convento,
Que ao sarrabulho accode, entra, e conhece
Frei José Agostinho de Macedo!
E, sem mais inquirir o que é passado,
Leva-o comsigo só; os seus confrades
Tanto os move a Fortuna, que concordão
Em consentir o heroe homisiado.
Porém elle, que nunca do sentido
Se lhe varria o sonho das tres vezes;
Em tomando confiança, pediu logo,
Que o deixassem entrar na livraria
Qualquer occasião de noite, ou dia
A ver, e a revolver quanto quisesse,
Pois quer aproveitar no estudo o tempo
Que entre aquellas paredes se acoutava:
De boa mente, os padres lh'o concedem,
E mais por verem que de-affinco ás vezes
N'um dia um grande livro devorava,
E n'outro dez quadernos escrevia!
Já do bôlo senhor, o heroe levava
Livremente alguns livros para a cella,
Os padres engodando co'as amostras

Dos fructos que brotava o seu talento:
Hoje um livro de Horacio tradusia,
E amanhã dous mil versos da Thebaida!
Té que um dia amostrando o seu poema,
Nescios lh'o approvão, Sabios lh'o rep'rendem
Mas elle então, parar córar o arrojo,
Fez uma cousa arremendando a Ode,
E chamou-lhe Pyndarica, dizendo
Que louvava o Camões; posto que ao vel-a
Póde mui justamente duvidar-se,
Se quiz louvar Camões, se a si louvar-se. 94
Assim passava, quando por acerto
Foi dar de cara a cara nas cloacas
C'um homem, cuja côr de saragoça,
Cujas feições, e gesto erão todos
D'aquelle que por sonhos viu tres vezes
Dar-lhe o dinheiro dos vendidos livros:
O heroe com muito heroica retentiva,
-Depois de ter um pouco revolvido- 95
Na mente o sonho todo, e seu mysterio;
Reconhecendo o tetrico vidonho,
Endireita-se a elle mui risonho,
E diz-lhe varias cousas, concluindo

---

94 Haja vista a tal chamada Ode Pyndarica, impressa junto ao *Poema Gama*; e, se é verdade que *ex digito Gygas*, pela Ode poderá avaliar-se o Poema.

95 Cam. Lus. C. 9.º Est. 19.ª

Que fosse á sua cella; por engodo
Dando-lhe alguns vintens, saudoso resto
De quantia maior, de harto dinheiro
Que na estrada ganhou como arrieiro,
O mofino dinheiro vence tudo!
E o fúlo malandrino, alliciado
Pelo primeiro introito, é logo prompto
Para os livros vender que o *vate exfrade*
Furta com estro epico-gatuno:
E já de uma janella pendurados,
Calcorria com elles por bom preço,
E uma vez, e outra vez, vai, vende, e torna
Para a loja do *Rey*, que em tempo avante
Foi forçado a repôr. Porém no emtanto 96
A Fortuna, lembrada do contracto
Que celebrou c'o amigo Desaforo,
Achou assidua intercessão pod'rosa
Com que poude mover pela piedade
O regio coração, nada informado
Da usual rapinante habilidade

---

96 Realmente o Livreiro *Rey*, que (sem saber cujos elles eram) comprou os livros que J. A. furtou dos Paulistas (e os quaes, como digo, pendurados de uma janella em um cesto, elle os passava a um mulato, que os hia vender,) teve de os repor, e perder o seu dinheiro; por que J. A. ainda não quiz, ao menos na parte possivel, emendar a patifaria, pagando uma divida tão desaforadamente contrahida.

Do fugitivo heroe homisiado,
Que sahiu, por decreto, solto, e livre ; 97
Salvo dest'arte ás unhas vingativas
Do grão Provincial dos Agostinhos.

---

97 J. A. sahiu por um decreto da Senhora Dona Maria Primeira, e só então os Padres deixarão de o perseguir.

CANTO VIII

-De tamanhas victorias triunfava- [98]
O rapinante heroe, poeta exfrade,
Quando, por vez primeira, de casaca
Apparece em Lisboa, mui lampeiro
Bairro e bairro correndo, e rua e rua,
Como corre um podengo mouta e mouta
Ao faro de cevar em sangue os dentes:
A vida era folgada, mas a bolsa
Já folgava demais, que os vintensinhos
Da muito disimada livraria
Quasi ao ultimo X. eram chegados!
Porém como em seus ultimos apuros,
Quando mancava em arte o Desaforo,
Sempre a Fortuna lhe estendia amparo;
A tumida bochecha envernizando-lhe
Da complacencia c'o affectado jubilo.

---

98 Cam. Lus. C. 3.° Est. 83.ª

Deu-lhe azo de se unir aos editores
Do copioso Jornal-Encyclopedico ;
Não como socio-auctor (que nenhum d'elles
Era escriptor, nem louvador de Gamas)
Porém como aguçoso amanuense,
Que logo fez progressos, empunhando
Na eschola do A B C sem arte a pluma :
D'aqui lucrava o necessario, e tempo
Tinha para lançar de quando em quando
Mais uma pedra no edificio horrendo
Do seu *poema narrativo—O Gama*; 99
Ou para estropear, vertendo, as Odes
Do mestre Horacio, ou esfriar o fogo
Dos versos da monótona Thebaida ;
Obras de seu primor, e em que esgotava
A vêa do riquissimo talento
Com que julga inferior Virgilio a Stacio! 100

---

99 É o proprio titulo que J. A. lhe deu.

100 Já por esta mania lhe disse Bocage em uma Satyra, a que por elle foi provocado :—

Insultas a grandeza, a immunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Stacio
Um grao que entregue ao Deos, que ardendo em estro
De Thebas o Cantor tentar não ousa,
Quando á Musa da Morte enfrea os vôos,
E quer que a Eneida cá de longe adore. (a)

(a) ....*Nec Tu divinam Aeneada tenta,*
Sed longe sequere, vestigia semper adora.
Theb. in fine.

Usa a Fortuna, desvairando, irar-se,
E dar ao seu descuido os que não sabem
Todas aproveitar com solta véla
As auras em que assopra os seus favores;
Mas, quando dos caminhos fortunosos
Desvia o Desaforo os seus alumnos,
A céga-prenestina-Divindade,
Abrindo-lhes viéla a novas ditas,
Emborca a frôxo o Corno de Amalthêa!
O epico-amanuense muito nedêo
Em fausta, e repousada mediania
Desperdiçava o tempo a seu bom grado;
A presumpção garbosa reluzia
Nas suas vermelhissimas bochechas,
Soberbo de se ver intrincheirado
Com grossos calhamaços de poesia,
Ditosa prole de seu bom bestunto!
E com toque, e retoque, e malho, e lima,
Da Audacia nas bigornas trabalhado,
Epico aborto, e sua obra prima
De oitavas o seu Gama apontoado,
Da perfeição já no ápice tocava!
Macedo era feliz, vivia alegre,
Quando, para se ver em novas ancias,
Vio um dia (ou por acaso, ou por descuido
Posto como de mão) um bom relogio
Que é de um de seus patrões, os Editores:
Logo a Reminiscencia, recorrendo
Da Memoria os aéreos corredores,

Lhe accodiu co'a lembrança de seu dono;
As consequencias de o roubar prevendo,
Logo tambem a Reflexão lhe accode;
Mas o Appetite atesa-lhe o cabresto;
Desdenha, como o heroe, fugir do p'rigo,
E finalmente resistir não pode
Á grande tentação, e ao vêzo antigo. 101
Por mais ligeiro de unha que de penna
Eis ahi outra vez tomando os ventos
O heroe depôsto, e com infamia expulso;
Nem de outra sorte o quer o Desaforo
Que a maiores acções o está chamando;
E já posto em conselho co'a Fortuna.
«Este meu presadissimo retrato,
«Meu espantoso alumno, o *heroe Macedo*
«Deve empregar (dizia o Desaforo)
«Deve empregar seu efficaz talento
«Dando algumas lições á mocidade
«Da sua sapiencia, e seus costumes:
«D'aqui recolho eu honra, e tu proveito;
«Bem vês quão raramente os teus altares

---

101 É mui verdade que J. A. depois que começou a passear secularisado, foi amanuense dos Editores do Jornal Encyclopedico, os quaes o expulsaram pelo roubo de um relogio, e não sei se de algo-más.

«C'os votos da Virtude se povoam,
«E, quando dá o pêco em meus alumnos,
«Faltam logo á Fortuna os sacrificios;
«Pois, ó Deosa, com fausto seguimento
«Nosso antigo tractado se mantenha:
«Na *Calçada do Combro* ha uma escola
«Onde, para aprender primeiras letras,
«Concorre inda mais basta a rapasia
«Do que vôão pardaes n'uma seára;
«O mestre, que é casado, já se cança
«De aturar tanta lesma, e de bom grado
«Talvez acceitaria um substituto;
«É necessario pois fazer que acceite
«*Meu alumno Macedo*: a teus poderes
«Tudo é facil, ó Deosa: em ti confio.»
É rapido o querer da Divindade:
Eis já sobre a cadeira mui direito
O heroe, com professora gravidade,
Pergunta, salteando, a taboada;
E muito mais direito, e mais severo,
Bruta carranca descaindo irada,
É o furor da sanhuda Hypocrisia,
Á tremente, espantada rapasia
A doutrina pergunta, que não segue,
Por não seguir nenhuma; ou ser tão boa
Que, não eram passados quinze dias,
Já tinha feito a escóla outra Sodoma.
O exercicio de Láis dado á criada,
E, se fóra o não põem, talvez que a mestra

Passasse de Lucrecia a Messalina! 102
Andava n'este tempo accesa a guerra
Entre a malta de *Alfama*, e *Bairro-Alto,*
Gingantes campeões afragatados,
Miqueletes revéis, cujas façanhas
Em macarroneo metro celebradas
Tem dado assumpto a um par de gargalhadas, 103
E no sitio da *Penha* aos dias sanctos
Com pontas, e com fundos de garrafa,
A dente, á unha, á bordoada, a ferro,
Latindo tão raivosos como um perro,
Travaram cruentissimos combates;
Não que morresse algum, mas abundavam,
Entre o furor de punhos, e pedradas,
Bólas partidas, ventas esmurradas!
De uma das taes guerrilhas tinha o mando
O General Luneta, homem provindo
De linguagem illustre, e por seus séstros
Entre a mais brejeiral, safia cambada,

---

102 É tão verdade o haverem existido estas personagens, como o ter J. A. sido substituto em uma eschola de primeiras letras, na *Calçada do Combro*; e foi posto no andar da rua, porque, depois das proezas indicadas, já tambem (dizia o Mestre) lhe andava ao cheiro da mulher.

103 ......*Bairraltenses, Alfamiade que Rapazi,*
Utraque gens præstans moquéte potens que calhão.
Pal. Metr.

Entre a relé mais pifia confundido;
E por seus capitães eram com elle
Claros pimpões, a flor da pangaiada! 104
Do rumor de seus feitos attrahido
O heroe, por se acostar aos já famosos,
Com estes se lançou, propondo em mente
Ser de novos Achilles novo Homero;
E, segundo o que ensina antigo adagio,
Como—Quem a bôa arvore se chega
O cobre bôa sombra—em tempo breve
Os fructos viu de tão heroica alliança:
Por estes nobres chefes apoiado,
Trepando na cadeira da Verdade,
Começou a soltar primeiro os diques
Da sagrada eloquencia ás escondidas;
Que d'este, e dos mais sacros ministerios
Estava, como apóstata, inhibido; 105

---

104 Bem sabida, e bem fallada foi em Lisboa a guerra de rapasia no sitio da *Penha de França*; e muito mais depois que n'ella entraram o *General Luneta* (Dom Th. d'A cujo rival no generaláto era um façanhoso Pretalhão) e alguns outros, que, posto serem geralmente havidos em ruim conta, nunca se esperou que chegassem a tanto.

105 Os primeiros sermões de J. A. não somente foram prégados ás escondidas, mas foram-lhe havidos por intervenção do *General Luneta*, e de seus socios, com quem diariamente J. A. arranchava á bebedeira; e ainda hoje, de todos os ministerios sagrados, so po-

Porém logo a Fortuna protectora
Lhe deparou valia com que obteve
Licença de prégar! Os santos templos
Estremecem de ouvir santas doutrinas
Pela nefaria bocca profanadas
De um maligno gabão, sector d'insanias,
Ferrenho turpador de leis, e de honras,
Apostolo de lubricas torpesas!
Os ethereos cabellos destrançando,
De dó rojou o manto a Piedade,
E de pejo co'as mãos cobrindo o rosto,
Fugiu de ouvil-o!... Porém elle, inflado
De audacia, e presumpção em voz, e em gesto
Prorompeu neste emphatico discurso:
«Agora estou na tinta; como eu posso
«Ganhar dinheiro por gritar bem alto.
«Já volta me não dão meus inimigos:
«Tenho agora de officio o fallar muito,
«E muito fallarei, porque é meu gosto;
«E protesto não ter toda Lisboa
«Quem falle mais do que eu; pois não me ganha
«Na rijeza da voz uma cigarra,
«Nem ella pelo estio estruge os campos

---

de exercer o da prédica; estando aliás completamente irregular, por que não pertence a Congregação alguma, não tem obediencia a Prelado, e até *ex defectu Patrimonii.*

«Como eu hei-de estrugir os meus ouvintes,
«Bem sei que hei-de dizer o que não sinto,
«E hei-de ensinar virtudes que não tenho;
«Mas, como isso dá lucro, é quanto basta:
«Da violencia que soffro na empreitada
«Desforra tirarei, não estudando
«Nem sómente um sermão; e n'isto mesmo
«Talvez ache proveito, em ter desculpa
«Quando disser asneira mais machucha:
«Nem me ha-de faltar vez em que eu empregue
«A palavra sagrada, e o lugar sancto
«Em nutrir as paixões que me devoram;
«Quando eu orar, se porventura minha
«Alguns meus inimigos me ficarem
«Do pulpito defronte, hei-de vibrar-lhes
«Sacras fulminações, hei-de apontal-os
«Como impios, dissolutos, libertinos
«Para o Ceo, para o Throno escandalosos,
«Por ver se assim os faço ao vulgo odiosos: 106
«Este gostinho só, vale o cansaço
«De quarenta sermões, e a esmola d'elles;
«Lancem-me embora os erros meus em rosto
«Que eu não quero o que é bom, quero o que eu gosto.

---

106 Ha muito quem saiba, e até quem ouvisse d'estes profanissimos desvios oratorios de J. A. e especialmente a escandalosa apóstrophe que na igreja de S. Paulo dirigiu a Antonio Xavier, o mesmo de quem fallei no Canto 7.º

«Que eu seja na invenção mesquinho ou nescio,
«E na disposição desordenado,
«Na elocução improprio, secco, e rude,
«Falho em memoria, e na pronuncia ingrato;
«Que faça os meus exordios tão compridos
«Ou mais que a narração; que não confirme;
«Que faça divisões, e perca o fio;
«Que entre nas provas, e não dê nenhuma;
«Que mal refute, e que peior peróre,
«Tudo isso é bagatella: em misturando
«Com quatro laivos da profana historia
«Dous preceitos da sacra; em alterando,
«Quando preciso for, qualquer dos textos;»
«Em trasendo algum simil desusado,
«Inda que bem não case ao mais que eu diga;
«E ataviando tudo, e atando em mólho
«Com phrases empoladas e seguidas,
«Inda que sejam vãs; gritando sempre
«Até enrouquecer, e estar suado;
«Camparei entre a turba dos pexotes,
«E certo estou de grangear o nome
«De prégador chapado. De óra avante 107
«Ter tento em não calar, e vida grossa;
«Que, em quanto houver festeiros, e irmandades,
«Terá sempre tostões *Macedo o ex-frade.*»

---

107 Quem tiver ouvido J. A. e souber entender o que ouvir, achará mui verdade o exposto relativamente ao seu modo predicando.

Os ditos dos heroes não são baldados:
Melhor que o disse, o fez *heroe Macedo*;
E, por intervenção de seus patrões,
Crescendo o prégador em nomeada,
Apenas tinha guélas que podessem
Dar vasão ás devotas encomendas!
Angelica no emtanto já viuva,
Andava por Lisboa lasarando,
Não tendo com que mate a crua fome,
Nem com que cubra as carnes maceradas! 108
Podia ter o amparo de seu filho,
Mas elle não lhe dóe sua miseria;
Já na pouca vergonha Calaceiro,
Surdo aos maternos ais, em longos brodios
C'os *generaes do exercito da Penha*
Gasta o que lucra em alta berraria!
Nem somente a miseria consumia,
E o filial despreso amargurava
A miseranda *Angelica*: tão fundas
Lança o materno amor suas raises,
Que, de tantas angustias opprimida,
Inda mais a magôa o ver seu filho
Avesado ás nocturnas emboscadas
Que dão tanto habitante ao *Limoeiro*; 109

---

108 É sabido que andava pedindo esmola.

109 Diz-se que J. A. tambem foi rancheiro da cova de Caco.

E vêr que préza tanto os bons escriptos,
Que até da Livraria Franciscana
Cortou alguns sermões a canivete! [110]
Mas tudo isto eram feitos escondidos;
E os heroes, que na Fama tem seu fito,
De alardear em publico se aprazem.
Já de Santa Isabol na freguezia
Atravessando a turba rezadora,
Qual vai um cão por vinha vindimada,
Co'a esmola do sermão vinha sahindo
O poeta-orador, *Macedo o ex-frade*
Quando topou *Angelica*...... assombrado
Quiz voltar, mas não poude; e ella mui branda
Á triste petição de algum soccorro
Uniu alguns, que por prazer lhe dava,
De boa Mãe suavissimos conselhos:
Porém elle, assomado acreditando
Desdouro seu aconselhal-o a Velha,
Começou todo a estremecer de raiva!
Este impeto lhe dava o Desaforo;
E, por sua influencia, alevantando
Contra a misera Mãe as mãos malvadas,

---

110 Inquira-se o padre bibliothecario de S. Francisco da Cidade. e elle amostrará uma collecção de sermões italianos, dos quaes J. A. na verdade cortou a canivete; e diz-se que o mesmo fizera a outras obras.

Deu-lhe um grande empurrão, e foi-se andando. 111
Novo Orestes, das Furias avexado,
C'o peso do seu crime ancioso corre,
E vai depor a magoa d'este encontro
No seio de uma sordida michella,
Obscena barragã, venal rameira
Que no fetido *Beco dos Beguinhos*
Tinha o seu lupanar; e onde impudente,
Por antiga affeição ao bruto alcouce,
Chafurdava encharcando-se, e sorvia
Torpes prazeres de vendido affago:
Nem lhe era novo alli achar o allivio
Contra as magoas do lubrico desfecho;
Logo ao nascer os Fados assellaram
Que esta nova Barina, e não formosa, 112
Roubaria os affectos deslavados
Do *ex-frade garanhão*, que já n'outr'ora
Ao *Caracól da Graça* fez por ella
Muito heroicas sortidas do convento;
E ora, deixando a Mãe morrer á fome,
Com ella consumia os sujos cobres
Que dos brodios da *Penha* lhe sobravam. 113
De mais para melhor o Desaforo

---

111 Impossivel parece; mas não é ficção poetica, é uma escandalosa verdade.

112 Veja-se a Ode 8.ª do L. 2.º de Horacio.

113 Tudo isto são verdades.

Ia exaltando o heroe; mas novamente
Suas infernaes socias convocando
Adulação, Maledicencia, Intriga,
Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja,
Dest'arte lhes fallou «É vindo o tempo
«De eu receber de vós o extremo auxilio,
«Para subir ao pico da insolencia
«Meu alumno Macedo : o que elle ha feito
«Já não parece pouco, porém deve
«Os limites passar de toda a esp'rança.
«Antes que todas, vós Intriga, e Inveja
«Deveis estimulal-o por maneira
«Que aborreça, e dezeje o perdimento
«De todos quantos são seus snperiores
«Nos bens, ou na virtude, ou no talento ;
«Em modo que, por sêde de vingança,
«D'espião-delator o emprego tome,
«E receba salario : e tu, Perfidia, 114
«Farás que vá maligno, e cavilloso
«Dar falsas delações até de amigos :
«Maledicencia, tu, dicta-lhe, e escreve
«Mil solturas de phrases populares,
«Com improperios mil, mil invectivas
«Contra em particular certas pessoas,
«E em geral, contra vivos, contra mortos,
«Doutos, e nescios, naturaes, e estranhos :

---

114 Ha quem saiba até quanto era o tal salario.

«Nem tu, Adulação, sómente deves,
«A seu uso, inspirar-lhe os da lisonja
«Vocabulos servis, quando pratique
«Com quem tenha o poder da governança;
«Mas, entre as varias producções qne aborta
«Dignas d'elle, e de mim, influe-lhe a idêa
«De alguma obra que em lisonja exceda
«Tudo o que produsiu de mais nojoso
«Nas eras más a depravada Roma: 115
«E vós, Audacia, e Presumpção, que tendes
«Tomado de seu genio inteira posse,
«De modo o regulai que se enfureça
«Havendo quem lhe affronte, ou note, ou negue
«Seu saber, suas obras, seus talentos;
«E, cuidando aterrar seus inimigos,
«Vario em composições como em costumes

---

115 Veja-se a Dedicatoria do *Poema Gama*: qualquer que seja o seu objecto, ella é supremamente ridicula, e nojosa, porque trascála á mais servil, impudente, e odiosa lisonja; e os seus gabos seriam sempre exagerados, hyperbolicos, e insoffriveis, ainda que fossem dirigidos a Frederico 2.° grande rei, philosopho, e poeta: ella é um abono da sentença do Legislador do Parnaso Francez.

Un Poéme insipide, et sottement flatteur
Deshonore á-la-fois le Héros, et l'Auteur.

Boileau, *Sat.* 9

«Após de umas vá outras enfiando,
«Bem como usa enfiar os rebuçados
«Quando de em vão prégar está já rouco.
«O mais, que falta aqui, tómo eu a cargo
«Co'a Fortuna, com quem travei alliança;
«E, feito tudo assim co'a diligencia
«Com que usaes de servir-me, eu vos protesto
«Que elle, antes de contar os onze lustros,
«Ha-de ser em Lisboa tão fallado
»Como o costumão ser as grandes pragas;
«Bem que as pragas ao mundo flagellado
«Costumão ser de lagrimas assumpto,
«E que a *praga Macedo* excite o riso,
«Misto de indignação e piedade,
«Em toda a gente que tiver bom siso,
«Seja embora Marquez, ou Duque, ou Frade»
Desmanchado o terrifico conselho,
Buscam todas o heroe; e a tempo todas
Com dobrado furor do que tomaram,
Quando no tabolleiro o visitaram,
No coração entrando-lhe e nos testos,
Inda mais o azoinaram do que azoinam
Ao sol posto o cançado caminhante
N'um charco, e n'outro charco as rans ralando.
Como fogo em materia combustivel,
Ou como a peste quando ladra o sirio,
No toutiço do heroe lavrando o influxo
Da caterva infernal, com pio zelo
Tantas accusações tinha já feito

Quasi como de crimes commettera!
E o seu bom valedor, e honrado amigo
Sepulveda, que o tinha agazalhado
-Com todo o bom e honesto tratamento,- 116
Sepulveda, por crimes nem pensados,
Em seus labios traidores já merece
Pena, prisão, degredo, e talvez morte! 117
Mas com riso maligno a céga Deosa
Folgava de estender dourada capa
Sobre seus desacertos, e seus crimes;
E Rebello, inda ignaro de taes feitos
Por seu brando caracter bemfazejo
Lidou, e conseguiu sacar-lhe carta
De Regio Prégador: então cresceram 118
O seu nome, e os seus lucros, passeando
De baixo deste titulo amparado
Contra todo o precalço, o heroe gozava

---

116 Cam. Lus. C. 2.° Est. 13.ª

117 Muita gente sabe, e até existem testemunhas que foram chamadas por occasião da falsa denuncia que J A. fizera perante o Ministerio contra o Doutor Sepulveda (já fallecido) que além de ser honrado homem, tinha aberto a sua casa, e as suas mãos, em beneficio do seu accusador

118 O Monsenhor Rebello alcançou a J. A. Carta de Prégador Regio, porém J. A. tão mal lh'o agradeceu, e com tanta pravidade continuou a condusir-se, que seu ingenuo protector chegou a arrepender-se de o haver sido.

Mais abastança em bens, mas não mudava
De caracter, de genio, ou de costumes;
E ingrato á mão de que estes bens houvera,
Como com todo o mundo odioso, e ingrato,
Tal foi sua maldade, e o rumor d'ella
Que até, correndo tempos, a Fortuna
Cançou de apadrinhal-o, e abandonou-o
Entregue a seu mentor o Desaforo.

CANTO IX

Em quanto da Fortuna a meiga aragem
Infuna do Desejo as soltas vélas,
Levantados nos hombros da Soberba
Lauréa o Desaforo os seus alumnos;
Porém quando a Fortuna irada assopra
No pégo do Desprezo, então soçobram:
O ex-frade-prégador, que n'este emprego
Campava por Lisboa erguido em palmas;
No azougado miolo entrou-lhe o sestro
De figurar tambem como poeta;
E, porque só a magra Academia
No estitico almanak á luz lhe déra [119]
Umas tantas poeticas miudesas
Mais ruins entre as más de seu contexto;
A Audacia, a Presumpção com altos fumos,

---

119 O Almanak das Musas, onde vinham inseridas algumas insignificancias de J. A.

E a Inveja com azedas pecuinhas,
Mais teimosas que nunca, e mais vehementes,
Badalando-lhe n'alma, lhe clamavam:
«*Macedo*, que preguiça é essa tua!
«Contentas-te da prédica, e não buscas
«Na Fama cavalgar como poeta,
«Quando podes deitar a barra avante
«De quantos até'gora honraram Lysia?
«Eia, accorda-te, *Elmiro*, e dá-te pressa:
«Tragedias, traducções, odes, poemas
«Escreve, escreve tudo, e gema o prélo;
«Verás da tua penna as enchorradas
«Espantarem Lisboa, como espantam
«As tuas prégações aldeães ouvintes.»
D'estas instigações o heroe movido
Dizia em si «Se entro a fazer tragedias
«Abarróto o theatro, e morre tudo!
«Mas se alguns, que não são de comparar-se
«Comigo no saber, e nos talentos,
«Tem enchido o theatro de obras suas;
«Se o parvo do Moniz compoz a Irene
(Que inda eu hei-de dizer que é plagiato) 120
«E, segundo me dizem, continúa;

---

120 Quando no Theatro da Rua dos Condes se representou a tragedia—Irene—disse J. A. (e o repetiram alguns pexotes) que ella era tirada de outra

«Porque não farei eu trinta tragedias,
«E em cada uma um pasmo da platea?»
Eil-o com mãos á obra, e eis o theatro
Tremendo co'as horriveis pateadas
Em que a sua *Zaida* lhe enterraram!
Bem se devia aquelle tratamento
A tal composiçao; porém *Elmiro*,
Raivoso do successo, e da ignorancia
Dos seus espectadores blasfemando,
Jurou de lhes fazer cahir o queixo
Outras mil producções mettendo ao prélo
Em que amostrasse bem a mão de mestre.
Impressas correm já umas *regrinhas*
A que elle chama *Traducções de Horacio*:
Mal se conhece o Vate, honra do Tibre,
Com capa remendada, e embuço ás-caneás
Engoiado entre phrases deslavadas,
Ou duros versos trascalando a claustro;
Ou bem, ao uso original de *Elmiro*,
Arrevezada a têa do discurso;
E o que maior escandalo motiva
É o canino, tumido prefacio,
Em que, insultando o mundo, bazofêa

---

que escreveu Voltaire com o mesmo titulo: depois em uma satyra (das de seu jaez) disse que era tirada do Italiano Conde José Gori; mas al-fim, chamado publicamente á prova e confrontação, mancou o sabio e a Irene ficou tão original como na verdade era.

Ter acabado o que ninguem pudera;
Mas, se a Maledicencia lh'o há dictado,
O Medo há supprimido o seu segundo
Tomo de Horacio trasmudado, e chôcho.
De honrosa intrepidez forrado o peito,
Eis n'um fragil cahique, retalhando
A verde-negra espalda turbulenta
Do Atlantico Oceano, os p'rigos força,
E, antes do que ninguem, ó ousado Nobre 121
Ao seu saudoso principe relata
Do restaurado reino a grande nova:
Elmiro, por mettêr bedelho em tudo,
Elmiro quer cantar o eximio arrojo,
E, em vez de um canto, gargantêa um zurro! 122
Mas diz-lhe a Presumpçao «Avante, avante!
«A Ignorancia é quem nota os teus escriptos
«E o modo de a punir é escrevendo.»
E a teimosa, loquaz Maledicencia

---

121 Manuel de Oliveira Nobre, então piloto, e hoje official de Marinha.

122 Apontoado de insipidos versos, a que J. A. chamou poema, e intitulou *O Novo Argonauta*: para se conhecer a insufficiencia da tal obrinha bastará saber-se, que tem máo estylo, máo plano, má conducção, alguns erros, e nenhum bom episodio; e que até se ignoraria quem fosse o Heroe, se o não dissessem as Notas, que pela maior parte são boas, por serem copiadas de alguns nossos bons escriptores.

Recorda-lhe as resingas de seu mestre
C'o Sebastico mestre funileiro.
Para fundar os dignos alicerces
Da grande obra que então se lhe ergue em mente,
Eis o *heroe-prégador* pela Ribeira
Aprendendo os picantes palavrorios
Da récua marujal, e das pexeiras;
E, no sabido arrieiral peculio
Vascolejando tudo, em boa dóse
Ajuntou paradoxos, e sophismas
A mil erros historicos, e affouto
Desandou co'a terrivel trovoada
Que aos Sebasticos crentes dirigia,
Mas cujo raio reverteu sobre elle.
Este o ponto fatal em que a Fortuna
Começou de virar contra elle a roda : [123]
Amigos, nem do *exercito da Penha*,
Porque nem d'esses conservar sabia ;
E o publico furor do *heroe daninho*
Escouça-lhe os freguezes, e já folga

123 Os folhetos contra os Sebastianistas são tão grosseiramente escriptos, que revoltaram Lisboa inteira, e, sendo-lhe patenteados os seus desvarios, especialmente pela—Refutação Analytica—J. A. desde essa epocha, pelo seu nescio orgulho, começou a desfazer-se em disparates impressos, d'esse modo procurando reparar o góthico e arruinado edificio da sua burlesca fama.

Com menos quinse estafas por semana:
Mas vão-se-lhe estafando as algibeiras,
E, á mingoa de sermões, o accordo toma
De a perda reparar, cançando o mundo
Co'a louca multidão dos seus escriptos.
Sangrou-lhe então de novo a funda chaga
Do descuido fatal da lavandeira,
Que, mettendo em barrella umas cuécas,
Juntamente metteu um dos dous tomos
Em que escrevera a traducção de Stacio: **124**
Começa a inundação dos *Solilóquios*,
Obra de tal saber que encova os sabios
Vel-quasi a flux, antigos, e modernos;
E uma manhã que os nortes assopravam,
Em tanto que os igniferos Ethontes,
Tirando ao largo o flavo Hyperiónio,
Com as settas do Deus luci-potente
Nebulosos vapores dissipavam;
Tanto se lhe azougou a cachimonia
Que, bem como Sileno com tres dornas,
Começou a ver cousas que não vira
Se, tal qual Deus lh'o deu, fora em seu siso!
Viu, e pasmou! que á banda do occidente

---

124 J. A. queixa-se que se lhe extraviou um dos volumes manuscriptos com a sua traducção da Thebaida, a que Bocage chamou

De gordo original versão mirrada etc.

Pelo ceo inda meio encapotado,
Mais do que a estrella Eóa radiosos
Luci-tremulós phosphoros brilhavam!
Viu torres, viu castellos, ventoinhas,
Magicas Circes, magicas Medêas,
Mágicas avantesmas tremebundas
Capases de espantar qualquer Quixote!
E, depois de ver cousas nunca vistas,
Sobre um livro de oitavo, escarranchado
Nos alti-baixos lombos de um corcunda,
Leu em letras maisculas composta
Esta palavra Gama! Àzaranzado
Arréda ancioso a vista, esfréga os olhos,
A seu Mentor devoto se encommenda,
Torna a affirmar-se na visão, e nóta
Que as nuvens em que vira este embrechado
A prumo ao *Calhariz* iam correndo!
«É prodigio, é prodigio que me chama,
«Ordenando que imprima o meu poema:
«(Ledo exclamava) aquelle mesmo é o sitio
«Onde móra o corcunda meu livreiro;
«Elle m'o há-de imprimir. Que ralhe o mundo;
«Mas tanto admirará minha ousadia,
«Quanto os meus *Gami-epicos* talentos,
«Meu profundo saber, e o meu bom siso,
«Derribarei Camões, *estatua velha*, 125

125 Phrase de J. A. em seus Solilóquios.

«Vil objecto da Lusa idolatria;
«E, em chegando sobre elle a erguer meu nome,
«Posso affouto estampar mil *Solilóquios*,
«*Segredos revelados*, e escondidos,
«*Cartas a Mendes*, cartas do que eu queira, 126
«Pois que não ha-de o mundo os seus suffragios
«Negar a um vate de tão grande cunho.
«O meu poema está perfeito em tudo:
«Canto uma acção completa, e acabada: 127
«Não tenho que emendar; poema á Imprensa»
Assim pensava quando de luneta
Pelo sujo cubiculo lhe entrava
A Adulação, mui nédea e mui risonha,
Na figura de um homem baixo, e rolho,
Alvar na côr, louraça na cabeça,
Olhos que chamam de carneiro morto,
Nariz com presumpção de papagaio,
Bocca de arraia, dentes de cebolla,
Queixada cavallar, muito carnuda,
E em tudo irmão no gesto e nas maneiras
Do *manteigueiro Lopes*, varão douto 128
Azado a fazer odes de manteiga,
Inimigo mortal do Camões velho

---

126 Louça multidão de seus folhetos.

127 Assim o diz na prefação ao seu *Gama*.

128 *J. J. P. Lopes* teve fumos de letrado sendo ainda caixeiro de uma loja de mercearia, e aspirou

Mas grande admirador do *vate ex-frade*;
E, proposta a impressão, começa logo:
«Há muito que, se Vossa Sapiencia
«Meus sinceros conselhos escutasse,
«Teria dado ao mundo esse regalo:
«Que cousa mais formosa que um poema
«Feito pingüe, de assumpto tão esteril
«Que, *posto seja grande em geographia,*
«*Navegação, commercio, astronomia,*
«*E sobre tudo historia, é mui pequeno,*
«*É minimo em poesia?* Ou que altos feitos 129
«Merecem mais louvor que o nobre arrojo

ás honras de redactor da *magra Gazeta de Lisboa*, sendo-o ainda então o dr Soares: depois de uns poucos de annos de empenhos, e bajulações, e sujeitando-se a receber menos alguns trinta reis de ordenado etc etc. conseguiu tomar a empreitada, ajoujado á surrelfa com J. A. de *Macedo*, e a desempenham com a dignidade conveniente a tão grandes dous sabios! Demais d'isto, tem publicado varias odes que fazem odio! Foi socio de J. A. na redacção do miseravel papelinho *Semanario de instrucção e recreio* que morreu de garrote, deixando a seus auctores a magoa do inutil desembolso de alguns coados vintens: e finalmente para em tudo se mostrar digno do seu pedagogo J. A. de de *Macedo* tem feito ridiculissimos appendices, ou adminiculos a alguns de seus ridiculos folhetos.

129 Este é propriamente o longuissimo arrazoado de J. A. na prefação ao seu *Gama*. Ora como poderá

«De arrostar sobre as azas do estro ardente
«A opinião geral do mundo inteiro?
«Camões era admirado, e o *novo Gama*
«Vai dar a conhecer que elle era um asno!
«O seu heroe era um heroe devéras,
«Pois que por sonhos fez a grão viagem,
«E estirou o Timoja de um só talho! 130
«Verdade é que se diz que o tal pirata,
«Sendo mui de proveito aos Portuguezes,
«Largos annos viveu depois que o Gama
«Partiu de Calecut: mas que tem isso?
«É licença poetica, e tão bella
«Quão grande o talho foi que deu o Gama!
«O seu maravilhoso é tal, e tanto
«Que até do Senegal muda as correntes! 131

---

conceber-se que um assumpto, por tantos motivos grande, seja *minimo em poesia*! Concebe-o J. A. mais o seu *Lopes*.

130 J. A altera a verdade sabida da historia, finge o Gama entrado em combate, e o Timoja morto ás suas mãos; apontoando, sobre as outras, mais esta incoherencia no caracter do Gama, sem se lembrar de que elle devia assemelhar-se a Ulysses, a Eneas ou a Godoffredo, e não a Achilles, a Cesar, ou a Henrique 4.°. Porém J. A. em nenhum bom sentido sabe que cousa seja verdadeiro caracter. Veja-se a Nota (80) no Canto 6.°

131 J. A. faz o rio Senegal (ou Canagá) além da

«Na phantastica ilha do Diabo
«Lá está Estatua que ao Brazil aponta! 132
«Falla a Asia, S. Thomé, o Infante, e o Anjo,
«E entra tudo no Templo da Memoria! 133
«Episodios ninguem os tem melhores:
«Que elegancia, que força, e magestade
«No guerreiro Africano, e no bom Velho
«*Meneando com emphase a cabeça!* 134

---

linha, quando aliás este rio separa os Mouros Azenegues dos Negros Gelofos da Costa de Guiné.

132 A primeira terra a que J. A dá aportado o Gama é uma Ilha deserta (mentira inutil) e alli apresenta uma Estatua apontando para o Brazil, com uma inscripção Grega, dizendo, que cedo os Portuguezes o hão de descobrir: isto é um plagiato do poema intitulado—Caramurú—além de ser uma idea que se não casa com a acção do Gama, e de com ella accarretar largos disparates.

133 A Asia mostra em sonhos a El-Rei D. Manuel o Templo da Memoria, o Infante D. Henrique leva alli o Gama etc. etc.

134 Este Verso é do 2.º canto do Gama de J. A. que, desdenhando Camões, e buscando sempre, e sempre em vão, imital-o, por lhe lembrar a bella prosopopea do 4.º Canto da Lusiada, apresentou tambem um Velho declamando contra a empresa do descobrimento da India, de ajoujo com um guerreiro, e com a *emphase*, e o descoco de J. A.

«Que divino furor no Sacerdote! 135
«O enterro do de Encógi causa espanto!
«Os tres Pretos as carnes arripiam:
«Pois Ignez? Até faz chorar as pedras! 136
«E quem será tão bruto que não pasme
«Do maravilhosissimo episodio,
«De proposito escripto por contraste
«Do Gigante do Cabo das Tormentas;
«Quando o Genio da bruta Idolatria
«Com seus clamores espaventa o globo,
«E anda Vasco da Gama abaixo e acima
«Luctando sem refugio, nem governo
«No cego horror de estranha tempestade;

---

135 Foi um tal que, no momento do embarque dos nossos illustres Aventureiros, tomado de furor prophetico, viu *os extremos Chins humilhados aos raios do Tejo*, e outros disparates d'esta laia.

136 A respeito d'esta Ignez vejam-se as Notas (76) e (77) no Canto 6.° O caso dos tres Pretos vem a ser: que deus Pretos amavam uma pretinha; e, como não podiam ambos igualmente possuil-a, e nenhum tinha animo de perder a joia, concertaram entre si matar-se e matal-a, e a cachorra esteve por isso: de mais a mais a historia foi contada por um dos Negros amantes, já quando arreganhava o dente com as ancias da morte. No reino de Encógi (onde o Gama não foi) diz J. A. que, assistindo os nossos descobridores ás exequias de um dos Principes do paiz, cujas leis ordenavam que com o cadaver fossem queimadas seis das mais formosas donzellas, quasi que excitou uma sedição para

«Por que o grão Satanaz, posto nas azas,
«Á viva força da infernal dentuça
«Um rochedo de Java cerceara,
«Com que aos mares austraes, quebrado o gelo
«Róla expedito, e solto e destacado,
«E vem correndo a revolver os mares
«Por onde então o Gama navegava,
«Aboiando nas agoas por maneira
«*Que os mares cobrem, cobrem horisontes*
«*De toda a parte os congelados montes!* 137
«Pois, se devo fallar dos caracteres,
«Vejo que nunca fez nenhum poeta
«Um Diabo melhor que o seu Diabo;
«E fica Milton a perder de vista,
«Que elle em seu Paraiso nunca disse

---

obstar ao sacrificio, cobrindo de injurias e ameaços o Rei que mui bem o hospedara. Eis-aqui como J. A. sabe guardar a conveniencia dos costumes, e caracteres!

137 Estes dois Versos são de J. A. no 7 ° Canto do seu *Gama*, onde tal, qual eu aqui summariamente o descrevo, se lê um Episodio, claramente apresentado n'aquelle logar para contrastar o inimitavel Adamastor; e que, além de ser o destempero mais garrafal que nunca escreveu nenhum homem com fumos de poeta, é sem contradição o aborto de uma phantasia inteiramente desvairada, e de uma crassissima ignorancia.

«*De um eterno rival despréso a gloria!* 138
«O caracter do heróe, esse é chapado!
«Nada digo dos mais, porque é bom tudo.
«O seu estylo é sempre igual, e a phrase
«Pode servir de nórma aos que desdenham,
«Como nós, os rançosos Quinhentistas: 139
«E em fim, se o seu poema tem defeitos,
«Peor o fez Camões: o meu conselho
«É de o metter no prélo; e só quizera
«Uma dedicatoria, por maneira
«Que houvesse na incensada personagem
«Contra o rancor geral um firme escudo.
«O conselho é de amigo.» Assim dizendo,
Deu-lhe a mão, e apertou-lh'a em despedida,
Pespegando-lhe um bejo humedecido,
Que dizem lhe aggravara o mal nojoso

---

138 Só o sapientissimo *Poeta Epico, e Reverendo Prégador J. A. de Macedo* pode conhecer que o Diabo *desprese* a Omnipotencia, o Supremo Saber, e a Gloria do Soberano Architecto do universo! Mas o verso é do 3.° Canto do seu *Gama*, que formiga em outros que taes.

139 Quem tiver a mal empregada pachorra de ler o *poema Gama*, achará continuada duresa de estylo e igual em todas as materias; gallicismos, epithetos mal apropriados, construcções abstrusas etc.

Das nunca extinctas aphtas que padece. 140
Inda aqui, a pezar dos seus desvios,
Accodiu a Fortuna ao *vate exfrade*,
Que, julgando o Camões ter excedido,
Houvera presumpção de arrebental-o,
Se o discurso do *Lopes* continúa;
Como se diz da rã, por que tentara
Ter de um boi a membruda corpulencia.
Mas c'o contacto do supposto amigo
Calou-lhe vivamente pelas vêas,
E trepou-lhe ao miolo mui coado
O fogo adulador, que se evapora
Em mil phrases servis, nescios louvores,
Hypérboles, e phosphoros rythmados.»
-Materia é de cothurno, e não de sóco- 141
O mais que inda contou do *exfrade* a Fama:
-Aqui minha Calliope te invoco
-N'este trabalho extremo, porque fique- 142
Em seu horrido nome horrendo exemplo
Aos mais que houver o Desaforo eivado.
Já o *epico Agostinho* muito ufano,

---

140 J. A. padece na verdade esta molestia; de maneira que a sua bocca é constantemente como a de um cão damnado, até pela baba.

141 Cam. Lus. C. 10.° Est. 8.ª

142 Cam. Ib.

Posta a prôa na loja do Corcunda,
Partia da *Bombarda* a pannos soltos,
Quando uma gralha (miserando agouro!)
Negramente grasnando, as azas bate,
E, o caminho do vate atravessando,
C'o estrondo de quem soffre dysentéria,
Ou de quem do vazio expelle os ventos,
Dá-lhe uma correntia talhadura
Toda empregada no alto da cabeça:
Mas *este heroe Cambayo* não encontra
Outro Melique-yaz que o desaggrave; 143
E, c'o furor do agouro, levantando
Muito rijo a trotar quasi um galope,
Na *loja do Corcunda* entrou suado,
Como um macho de pósta, que na muda
Está dando aos ilhaes, co'as mãos d'espéque.
Senão quando eis que salta um gato negro
(O mesmo negro gato desattento

---

143 Estando em campanha El-Rei de Cambaya, ao sahir um dia da sua tenda, um milhano lhe deu uma talhadura na cabeça, do que elle ficou muito sentido, por ser (como todos os Indianos) mui crente em agouros: Meliqueyaz, seu escravo, que por acaso estava presente, e era excellente atirador de flecha, atesou o arco, e derribou a ave sacrilega; e de então começou a sua fortuna, por maneira que era um rico potentado e senhor da memoravel praça de Diu ao tempo das nossas conquistas no Oriente.

Barros, Dec. 1.ª

Que já lhe espatifou dezoito empadas) 144
E, ao tempo quando o Epico sacava
Da erudita algibeira o grão poema,
Furioso empregando a leve garra,
Rasgou-lhe algumas folhas, e partiu-se
Com musica infernal em sons tremidos
Deixando estupefactos, e aturdidos
O poeta e o lunatico livreiro.
Oh! que fizeste tu, maldita gralha,
Sobre os sagrados *cascos-Agostinhos*
Chorreando as trazeiras immundicies!
O que fizeste tu, gato maldito,
Dilacerando a obra mais pasmosa
De quantas em máos versos se tem visto!
Qual c'o famoso Almeida em outras éras
O máo Rei de Quiloa, assim c'o *exfrade* 145
O Corcunda, do agouro amedrontado,
Duvida contractar; e mais ainda

---

144 Estando J. A. na *Loja do Corcunda* a comer umas empadas com um seu satellite, entrou outro, trazendo um soneto em que se lhe fazia alguma justiça: J. A. ergue-se a blasfemar, e no em tanto o *gato do Corcunda* mamou-lhe as empadas.

145 El Rei de Quiloa deferiu a sua conferencia com o nosso illustre Vice-Rei D Francisco de Almeida, dando por causal, que, ao tempo em que para ella se dispunha, atravessara um gato negro, cousa para elles de mui fonesto agouro

Barros. Dec. 1.ª

Porque ao justo n'aquella propria hora
Entrava a lua em quarto mingoante,
Agourando que á mingoa de leitores
Morreria de traça o tal poema. 146
De tão torpes fracassos combatido
O heroe entristeceu, vendo mui claro
Desandar-lhe a fortuna; e já não dava
Trinta reis pelos lucros de uma obra
Que tinha trabalhado em tantos annos,
Com tanta perfeição! Porém, calando
Toda a magoa e temor, como se fora
Mui seguro de si, rompeu profuso
Contra os nescios agouros declamando;
Não c'o vigor sublime com que out'rora
Demosthenes a Grecia revolvia,
Contra Filippe ás armas convocando;
Nem co'a florida pompa com que Tullio
Defendeu Roscio, ou Catillina accusa;
Mas co'aquelle furor, e voz de ferro
Com que insano troveja, e não commove; 147

---

146 O miseravel Livreiro, que é lunatico em toda a força do vocabulo, foi-lhe esta vez fiel a mania dos agouros, porque são passados tres annos, e ainda agora se queixa de que não tirou a despeza da impressão do *Gama*.

147 Na já citada Satyra lhe disse Bocage:

Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gélas a contricção no centro d'alma.

Co'a monótona, e rouca vozeria
Com que usa atordoar o povo rude,
Quando vai no exercicio acostumado
Do sacro ministerio, que envilece,
Dizendo o que não sabe, e o que não sente,
Phraseando a esmo, e bracejando á tôa,
Com rubido furor fradi-fremente,
Falho em doutrina, nauzear Lisboa.
Qual se ouvira uma grande trovoada,
O misero *Corcunda* estupefacto
Escuta o prégador, que berra e súa,
Descompassado o gesto, a côr perdida,
Dos olhos flammejando, e furioso
Como a Sibylla oraculos abrindo!
Dos berros, mais que das razões movido,
Na falsa expectação de largos lucros,
Já elle expõe á venda *O Novo Gama*:
Nos cascaveis da rythma embasbacando
Applaudiu a Ignorancia o novo livro;
Mas, apenas o monstro ergueu no typo
A orgulhósa cabeça mal composta,
Todo o Castalio Coro espavorido,
Co'as mãos tapando os olhos, e os ouvidos,
-Fugiu tremendo; e Apollo de torvado
-Um pouco a luz perdeu como enfiado!-148
A tranquilla, e segura Sapiencia,

---

148 Cam. Lus. C. 1.º Est. 37.ª

Posto que ver de *Elmiro* não cuidasse
Obra que á perfeição se aproximasse,
Não quiz julgar sem ler; e então, tomada
Da justa indignação a que provoca
Núa de todo o merito a Vaidade,
Trovejou sobre Elmiro estas sentenças:
«Se, na idade arrojada, e vigorosa
«Em que o divino fogo aquece a mente,
«E os proveitos do estudo em obras brilham
«Nenhuma deu que o gêlo não crestasse,
«E da Ignorancia os sêllos não trouxesse;
«Como havia compôr um bom poema
«O auctor que com dez lustros já pezada
«Tem de cans a cabeça povoada?
«Se de terreno mau não vem bom fructo,
«Como faria *Elmiro* um'obra boa?
«E o *rouco prégador*, que inda não déra
«Uma peça oratoria em si perfeita,
«Como havia compôr uma epopea
«Que Homero, ou que Virgilio sombreasse,
«Ou que ao grande Camões se assimilhasse?
«-Podem-se pôr em longo esquecimento[149]
«Quantos epicos monstros abortaram
«De vacuas frontes, plagiarias plumas,
«Que este indigesto aborto *O Novo Gama*
«É a prova real do muito que ousam

---

149 Cam. Lus. C. 4.° Est. 6.ª

«A Fatuidade, o Orgulho e o Pedantismo!
«Por fortuna da gente que distingue
«Bom, e máo, e peior, pessimo e infame,
«Do infame *Elmiro* o pessimo poema,
«Nas azas da indiscreta Novidade
«Correrá pouco tempo em terra pouco;
«E cedo na memoria ha-de apagar-se
«De seus cantos o som desentoado,
«Ficando de despreso e pó coberto
«O livro, cujo auctor merece opprobrios:
«Apontado será o *auctor do Gama*
«Bem como os criminosos com ferrete,
«E as muito poucas vezes que for lido
«Será para excitar ou raiva, ou somno.»
Dito isto, e arrojando desdenhosa
O Elmirico-poema-narrativo,
De novo na Lusiada foi vendo
Do disforme gigante o gesto horrendo.
Ó Numes, e o prognostico terrivel
Todo se vai tornando em realidade;
Pois, mal que de uma esquina assoma *Elmiro*
(Urso no gesto, e Phariseu no rosto;
Qual touro em praça, cabis-baixo olhando
Desconfiado a turba que o rodêa;
E, somente modesto pelo traje,
Com chapeo de tres ventos assentando
As grisalhas melenas, estendidas
No roliço cachaço) o povo rindo
Logo todo murmura «Olha o *exfrade*,

«Olha o *Camões da rua da Bombarda*,
«Que dá por paus e pedras, escrevendo
«Obrinhas que costumam nos leitores
«O effeito produzir das dormideiras !»
Mas de todo este comico progresso
Alegre o Desaforo, e vanglorioso,
Por ver o alumno seu trepar tão alto,
Inda espera mettel-o em novas scenas,
Porque diz que aos malignos impostores
Nunca faltam estupidos Mecenas ;
E d'esta sua esp'rança os fundamentos
Não são lançados á sabôr dos ventos.
No paiz extensissimo que corta
De ponta a ponta extrema os mundos todos,
Dos reinos da Philaucia o norte assopra,
E assopra o sul dos reinos da Mentira :
Entre estes dous, com ambos confinando,
Tem a Lisonja amplissimos estados,
Cujo mal firme chão é todo fumo,
E cujo ceo é todo meteóros :
N'um alto vari-fulgido castello,
De plumas de pavão architectado,
Com tectos dos que Arachne erguer costuma
Columnas das que o mar nas praias deixa
Depois que rola, e bate, e brama, e foge ;
Alli, muito donósa ; e recostada
Sobre coxins de empollas saponaceas,
Mora a nescia Invenção, que se accredita
Das tres Rainhas Defensor-Ministro ;

E incansavel d'alli, quasi em chuveiro
De falsa luz mil settas despedindo,
Arêa mil cabeças, produzindo
Bavios, e Mévios, Zoilos e Macedos.
A retaguarda e flancos lhe resguardam,
Perpetuas, vigilantes sentinellas,
A convulsa espantada Turbulencia,
A Malicia c'os olhos sempre baixos,
E para o ceo com elles sempre erguidos
A pallida traidora Hypocrisia,
Que inda mais sangue faz que a Tyrannia !
Os estupidos Pasmos que a cortejam,
Correios seus, trombeteando os vivas,
Do grande ministerio Invencioneiro
As ordens levam pelo mundo inteiro :
D'alli voando o intempestivo Applauso,
Com benigno rumo de aura suave,
Os ouvidos affaga ao impio, ao nescio
Que mais nos erros seus dest'arte arraiga;
E d'alli desce o influxo aos vãos artistas
Que aviltam suas artes, dedicando,
Aos indignos de honrar-se, honrosos quadros
Com lustre de emblematicos lavores.
Quando na infancia de seu nobre alumno
Astuto o Desaforo e diligente
Curava de influir-lhe as artes suas,
Alli foi demandar, e obteve auxilio ;
E, quaes se n'uma dorna o mosto ferve,
Tenues insectos em tenaz cardume

Zumbem, chupando as rubras aduellas ;
Taes, da nescia-Invenção a um leve acêno,
Falsidades, Basofias, Destemperos,
Turbido enxame, com ferrão maligno
Foram chupar nos testos de *Macedo*
Alguns raros barruntos de bóm siso :
Vendo depois com gaudio o Desaforo
Fructos de seu ensino em obras d'elle;
Vendo o *poema Gama* exposto ao mundo,
E o mundo todo a escarnecer do *Gama*,
Novo auxilio pediu ; ligeiro e ledo
O satrapa ideal, convindo em tudo,
Deu em forma de agouro este protesto :
«Posto que nos escriptos de *Macedo*
«Ande sua alma negramente impressa,
«Como um timbre qualquer tirado a fumo,
«Não basta, e deve todo o mundo ver-lhe
«No atroz semblante ressumando os crimes;
«Assim será : mostrando as phases todas
«Sobre uma correrão quarenta luas, 150
«E então, em *Oriente* refundido,
«Verás o *Gama*, em guinchos mais crescido,
«Encher com seu louvor meia *Gazeta* ! 151

---

150 O *poema Gama* foi publicado em setembro de 1811, e o *Oriente*, ou *Gama refundido*, e accrescentado com dous cantos, de mais em todo o sentido, publicou-se em março de 1815.
151 *A magra Gazeta de Lisboa* de 24 de fevereiro.

«Verás um pintor-Cocles, mui devoto 152
«Das sapientes *Elmiriças-façanhas*,
«Pôr-lhe a oleo o carão affeiçoado
«Inda que com favor, assimilhado;
«E c'um livro nas mãos, como em memoria
«Dos muitos que roubou: verás *Manteiga* 153
«Com tardonho buril passal-o a cobre;
«*Macedo* punirá esta tardança; 154
«E, a seu pedido, como proprio emblema
«Dos crimes que escrevendo commettera
«(Um tempo sycophanta, e zoilo agora)
«Ornar-lhe-há o baixo do retrato infando
«Uma penna de ferro, negrejando
«Por entre lusco e fusco, ou luz do inferno: 155

---

annunciando o *Poema Oriente,* chamou-lhe, afora outras alcunhas, *maravilhosa producção do genio, onde brilham magistralmente desempenhadas as difficillissimas regras do Poema Epico etc. etc.*

152 H. I. da Silva: cego de um olho, e que para tal obra o deveria ser de ambos.

153 D. I. da Silva, por antonomásia o Manteiga: e logo foram dous Silvas que reproduziram aquella rica Amóra!

154 O miseravel, ainda que alias habil gravador, succedeu-lhe um precalço com que perdeu a primeira chapa, e teve por isso de retardar a obra; mas por esse retardamento lhe dirigiu J. A. uma carta em que o punha á viola.

155 J. A. mal contente de que *o seu devoto pintor Cocles*

«Nos torculos depois multiplicado,
«De seu fusco-Oriente-gatunado 156
«Enfeitará luxosos frontispicios;
«Qual de um mestre de cebo, e de polvilhos
«Em besuntado páo meã cabeça
«Com chorina, ou riçado a porta ad'reça:
«Verás que em vil, torpissima linguagem
«Comporá outra métrica salsada
«Que chamará poema, ou *Burricada*;
«Desaforado aborto em que injurie
«Velhos, e moços, damas e donzellas, 157
«Classes, Congregações, Nações inteiras;

---

o retratasse para correr mundo no frontispicio do seu livro; esquecendo-lhe de o pôr a escrever, pediu que na gravura se lhe ajuntasse uma penna. «Porém como? (lhe perguntou o gravador).» Seja como fôr, eu quero ahi uma penna (respondeu J. A.); então o pobre *Manteiga*, receando a lingua do retratado, lembrou-se de metter (a penna) em um globo de luz, tirando assim apparentemente das trevas o figurão gravado.

156 Na livraria Graciana havia manuscripto um antigo poema com o titulo de—Oriente Conquistado —desappareceu, e presume-se que J A. lhe deu o caminho que dera a alguns livros desta sosiraria, que disimou, como a de Enxobregas, e as outras já citadas; e talvez deste seja roubado o muito pouco bom que apparece em seu poema.

157 Cam. Lus. C. 7.º Est. 49.ª Veja-se a Ode 8.ª do L. 2.º de Horacio.

«Afora outras obrinhas mais miudas
«Dignas de seu auctor, como elle infames.» 158
Assim contava a Fama: e a Liberdade,
Co'a Razão e o Bom-Gosto practicando,
Dest'arte concluiu «Somos vingados:
«Se d'este luso escandalo entre os lusos
«A nescia protecção tolhe a vingança;
«No ditoso paiz onde eu domino,
«Na fausta Grão-Bretanha eu vos prometto
«Que os raios typographicos se accendam,
«E corram plaga e plaga incendiados
«Co'as cinzas do ridiculo cobrindo,
«Dos outros córvos para espanto e medo,
«O nome do *novo-epico-Macedo.*

---

158 Tudo isto são verdades.

ERRATAS PRINCIPAES

Pag. VIII linha 24—onde se lê:

um breve mas judicioso critico
deve lêr-se:
um breve mas judicioso ensaio critico

Pag. XII linha 2—onde se lê:

insalubridade do clime
deve lêr-se:
insalubridade do clima

Pag. XIII linha 11—onde se lê:

desmasiado,
deve lêr-se:
demasiado

Pag. 15 Verso 18—onde se lê:

«D'est'arte o fado
deve lêr-se:
«D'est'arte o Fado

Pag. 20 Verso 18—onde se lê:

e, como a noite
deve lêr-se:
e, como a Noite

Pag. 21 Verso 19 e seguintes—onde se lê:

Como, se em meio giro a noute vôa
deve lêr-se:
Como, se em meio giro a Noute vôa

Alguma outra errata ou falta haverá, mas de facil emenda, e por isso não a registramos aqui.

lvares Pereira Pato Moniz, Nuno
Agostinheida [Nova ed.]

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY